

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem

Aline de Abreu Silvestre Sales

**SEXUALIDADE, GÊNERO E ADOLESCÊNCIA:  
o cuidado de si por meio de um jogo *online***

Belo Horizonte  
2020

Aline de Abreu Silvestre Sales

**SEXUALIDADE, GÊNERO E ADOLESCÊNCIA:  
o cuidado de si por meio de um jogo *online***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vânia Souza  
Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Érica Dumont Pena

Área de Concentração: Saúde e Enfermagem

Linha de Pesquisa: Educação e Saúde em Enfermagem

Belo Horizonte

2020

S163s Sales, Aline de Abreu Silvestre.  
Sexualidade, gênero e adolescência [manuscrito]: o cuidado de si por meio de um jogo online. / Aline de Abreu Silvestre Sales. -- Belo Horizonte: 2020.  
90f.: il.  
Orientador (a): Vânia Souza.  
Coorientador (a): Érica Dumont Pena.  
Área de concentração: Enfermagem.  
Dissertação (mestrado): Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Enfermagem.

1. Adolescente. 2. Sexualidade. 3. Identidade de Gênero. 4. Empatia. 5. Jogos e Brinquedos. 6. Tecnologia Educacional. 7. Dissertação Acadêmica. I. Souza, Vânia. II. Pena, Érica Dumont. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Enfermagem. IV. Título.

NLM: WS 462.5.S4

Escola de Enfermagem da UFMG  
Colegiado de Pós-Graduação em Enfermagem  
Av. Alfredo Balena, 190 | 30130-100  
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil  
+ 55 31 3409-9836 | 31 3409-9889  
caixa postal: 1556 | colpgrad@enf.ufmg.br



UFMG  
UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE MINAS GERAIS

**ATA DE NÚMERO 635 (SEISCENTOS E TRINTA E CINCO) DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DA DISSERTAÇÃO APRESENTADA PELA CANDIDATA ALINE DE ABREU SILVESTRE SALES PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRA EM ENFERMAGEM.**

Aos 16 (dezesseis) dias do mês de junho de dois mil e vinte, às 14:00 horas, realizou-se a sessão para apresentação e defesa da dissertação "*SEXUALIDADE, GÊNERO E ADOLESCÊNCIA: O CUIDADO DE SI POR MEIO DE UM JOGO ONLINE*", da aluna *Aline de Abreu Silvestre Sales*, candidata ao título de "Mestra em Enfermagem", linha de pesquisa "Educação em Saúde e Enfermagem". A Comissão Examinadora foi constituída pelas seguintes professoras doutoras: Vânia de Souza (orientadora), Erica Dumont Pena, Maria Flávia Gazzinelli Bethony e Cláudia Natividade, sob a presidência da primeira. Abrindo a sessão, a Senhora Presidente da Comissão, após dar conhecimento aos presentes do teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à candidata para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do seguinte resultado final:

(X) APROVADA;  
( ) REPROVADA.

O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pela Senhora Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, eu, Andréia Nogueira Delfino, Secretária do Colegiado de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, lavrei a presente Ata, que depois de lida e aprovada será assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 16 de junho de 2020.

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Vânia de Souza  
Orientadora (EEUFMG)

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Erica Dumont Pena  
(EEUFMG - coorientadora)

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Flávia Gazzinelli Bethony  
(Esc.Enf/UFMG)

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cláudia Natividade  
(Ciências Médicas)

Andréia Nogueira Delfino  
Secretária do Colegiado de Pós-Graduação

HOMOLOGADO em reunião do CPG  
Em 16 de 06/2020

Há uma pessoa no mundo com a missão de me ensinar a voar e não me podar as asas. Ana, minha Madrecita, é por você que sigo com coragem para voar cada vez mais alto. É a você, em especial, que dedico todos os meus voos.

## AGRADECIMENTOS

Não foi fácil chegar até aqui, mas se você está lendo estes agradecimentos é porque eu consegui. Para conseguir, eu contei com a ajuda e o apoio de várias pessoas e, principalmente, com as bênçãos dos deuses e das deusas. A Eles/as dedico meus primeiros agradecimentos. Obrigada por me permitirem errar, acertar, aprender e começar tudo novamente, sempre que necessário. Agradeço por nunca me desampararem e por sempre colocarem anjos em meu caminho. Esses anjos me ajudaram a levantar nos momentos em que não tive forças e gostaria de agradecer a cada um/a deles/as:

**Anjos Luz:** Madrecita, obrigada pela vida e pelos sacrifícios, por cada prece, cada beijo, cada abraço, cada aconchego, cada sorriso. Eu te amo. Você é a mulher mais forte e doce que eu conheço e é em você que eu me espelho. Obrigada, Rodrigo, meu grande amor, pela parceria e pelo incentivo, por ver sempre o melhor de mim, por compreender minhas ausências e meu comprometimento. Luiza e Cecília, minhas filhas e razões do meu viver, é por vocês que eu me mantenho firme. Obrigada, minhas meninas, por me receberem sempre de bracinhos abertos e sorriso no rosto. Mamãe ama vocês. Obrigada, minha irmã, Elaine, por me ensinar o verdadeiro sentido de perseverança e entrega. Te admiro muito. Agradeço aos meus sogros (pais) Carminha e Filinho, por me tornarem parte da família e merecedora de um lugar no coração de vocês. Agradeço também a um anjo que está no céu, olhando por nós, mas que sempre fará parte das nossas vidas: obrigada, Sr. Giuseppe Gai, por atravessar o oceano para fazer o bem.

**Anjos Mestres:** Professoras Vânia e Érica, obrigada por me acolherem e por acreditarem em mim. Obrigada por me fazerem sentir capaz de alcançar o topo do mundo. Desejo que orientadoras como vocês se multipliquem no meio acadêmico e que continuem sempre conduzindo seus alunos ao caminho do conhecimento e da realização profissional com ética, responsabilidade, empatia, conhecimento, dedicação, leveza e muita, muita cor.

**Anjos Acadêmicos:** Obrigada Sumaya e Marcela, por me ensinarem tanto sobre amizade e partilha; sobre como as pessoas podem ser generosas, boas, corajosas, honradas e iluminadas. Obrigada por não terem permitido que eu desistisse de mim. Vocês são os meus melhores presentes neste caminho. Obrigada a todos/as os/as amigos/as do mestrado e da linha de pesquisa, trilhando o mesmo caminho comigo: Jéssica Caroline, Giuliana, Bárbara Barroso, Laís, Valquíria e todos/as os/as colegas de turma. Em especial, agradeço à Elaine Gusmão, que veio de tão longe para me encorajar a lutar. Agradeço também à Ana Luiza,

Bianca, Thayzy e todas as mães pesquisadoras. Trilhamos um caminho desafiador, mas não impossível, porque nos apoiamos e nos fortalecemos umas às outras.

**Anjos Amigos:** Obrigada, Tânia Mara e Kelen Lima, pelo incentivo, pela parceria e pela amizade de tantos anos. Obrigada, minha amiga Mestre, Gabriela Reis. Você me abriu um mundo de possibilidades. Te admiro muito. Obrigada, minha querida Fada, Bárbara Seemann. Obrigada por ser luz no meu caminho e por sempre me incentivar. Obrigada, Fado Sebastião, o som da sua voz me conduz!

**Anjos da Educação:** agradeço a todos/as os/as professores/as da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, por contribuírem para a minha formação. Em especial, à Professora Sônia, por sua compreensão e pelo seu carinho. Obrigada, minha querida Professora Alcinea Marques, pela fé depositada em mim desde os tempos da graduação. Minha grande inspiração!

**Anjos da Luta Cotidiana:** obrigada, meus companheiros de trabalho! Minha equipe maravilhosa do Cuidar Novo Santos Dumont e colegas da Secretaria de Saúde de Lagoa Santa. Obrigada, minha querida, Doutora Daniela, um anjinho lindo de olhos azuis e de luz!

**Anjos Adolescentes:** agradeço às meninas e aos meninos adolescentes que protagonizaram e tornaram este trabalho possível. Obrigada por compartilharem conosco suas singulares revoluções cotidianas. Por fim, agradeço às Escolas que acolheram nossa proposta e viabilizaram a produção deste trabalho.

“O novo não está no que é dito, mas no acontecimento à sua volta.”

Michel Foucault



SALES, A. A. S. “Sexualidade, gênero e adolescência: o cuidado de si por meio de um jogo online.” 2021. 90 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem. Departamento de Enfermagem Aplicada, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

## RESUMO

**Introdução:** A sexualidade na adolescência compreende uma etapa da vida marcada por rupturas, ressignificações do corpo e dos papéis sociais. Tais mudanças são acompanhadas por experimentações e pelo exercício da autonomia. A atuação da/o adolescente na proposição de estratégias de cuidado de si e na tomada de decisão possui influência positiva para a melhoria das relações consigo e para o seu desenvolvimento social e emocional. A partir dessa premissa e da carência de espaços que promovam o diálogo sobre sexualidade e sobre relações de gênero de forma livre, inventiva e autônoma, foi criado o Jogo *online* Papo Reto para adolescentes. Por meio de situações-problema, o jogo simula realidades e possibilita a interação entre pares, sem a intervenção de adultos e sem amarras aos conceitos cristalizados.

**Objetivo:** O objetivo neste estudo foi analisar as estratégias de cuidado propostas por adolescentes, a partir de suas interações no Jogo *online* Papo Reto, à luz da teoria Foucaultiana do cuidado de si. **Método:** Estudo de abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, com análise de conteúdo das narrativas de adolescentes de 15 a 19 anos, provenientes de escolas públicas de São Paulo, Belo Horizonte e Sabará (Minas Gerais). Foram levantadas as situações-problema com maior nível de interação, extraindo-se quatro categorias de análise: conflito e violência nas relações de intimidade; relações abusivas perpetradas por terceiros; relação com o corpo; e exercício da sexualidade. **Resultados:** Na primeira categoria, verificou-se que as estratégias de cuidado foram individualizadas e restritas ao casal. O governo de si revelado nas proposições, nos discursos e nas argumentações das/os adolescentes mostrou-se bastante presente, levando a estratégias como conversar com a/o parceira/o, controlar a agressividade, terminar o namoro e chamar a polícia. A segunda categoria apresentou estratégias de cuidado fortemente direcionadas para a publicização das situações de violência, em consonância com o conceito de governamentalidade, como solicitar a interferência da polícia, bem como controlar os corpos das/os adolescentes. Na terceira categoria, as estratégias de cuidado foram direcionadas para a tomada de decisão sobre o próprio corpo, além de estratégias de controle e de disciplina sobre os corpos, em representação ao biopoder. A última categoria revelou estratégias de cuidado direcionadas para a resistência aos espaços de sujeição, à disciplina e ao controle dos corpos. Também estiveram presentes estratégias regidas pelo biopoder, com a reprodução de discursos normativos e disciplinares mediante a reprovação da homossexualidade e a valorização de virilidade masculina. **Considerações finais:** Este estudo revelou a capacidade das/os adolescentes para tomada de decisão autônoma, criticidade, argumentação e definição de estratégias com o intuito de se protegerem, se cuidarem e estabelecerem o seu modo de estar no mundo. Foi ainda destaque a reprodução das desigualdades entre os gêneros como um pressuposto para o estabelecimento de estratégias de cuidado divergentes para meninos e meninas. É inequívoca a necessidade de implantação de políticas públicas nessa área, com maior abertura governamental e escolar, bem como participação familiar para serem colocadas em prática de forma ampla, democrática e dentro dos princípios da autonomia, da cidadania e dos direitos sexuais e reprodutivos das/os adolescentes.

Palavras-chave: Adolescente. Sexualidade. Gênero. Cuidado. Jogos e Brinquedos. Tecnologia Educacional.



SALES, A. A. S. "Sexuality, gender and adolescence: the self-care thought an online game." 2021. 90 f. Dissertation (Masters) – School of Nursing. Department of Applied Nursing, Federal University of Minas Gerais, Belo Horizonte.

### ABSTRACT

**Introduction:** Sexuality in adolescence comprises a stage in life marked by ruptures, resignifications of the body and social roles. Such changes are accompanied by experimentation and the exercise of autonomy. The performance of the adolescent in proposing self-care strategies and in decision-making has a positive influence for the improvement of relationships with him and for his social and emotional development. Based on this premise and the lack of spaces that promote dialogue about sexuality and gender relations in a free, inventive and autonomous way, the online game Papo Reto was created for teenagers. Through problem situations, the game simulates realities and enables interaction between peers, without the intervention of adults and without ties to crystallized concepts.

**Objective:** The objective of this study was to analyze the care strategies proposed by adolescents, based on their interactions in the Papo Reto online game, in the light of the Foucaultian theory of self-care. **Method:** Study of a qualitative, descriptive and exploratory approach, with content analysis of the narratives of adolescents aged 15 to 19 years, from public schools in São Paulo, Belo Horizonte and Sabará (Minas Gerais). The problem situations with the highest level of interaction were raised, extracting four categories of analysis: conflict and violence in intimate relationships; abusive relationships perpetrated by third parties; relationship with the body; and exercise of sexuality. **Results:** In the first category, it was found that the care strategies were individualized and restricted to the couple. The self-government revealed in the adolescents' propositions, speeches and arguments was very present, leading to strategies such as talking to the partner, controlling aggression, breaking up and calling the police. The second category presented care strategies strongly aimed at publicizing situations of violence, in line with the concept of governmentality, such as asking for help from third parties, reporting to the police and controlling the bodies, especially those of the girls. In the third category, care strategies were directed towards decision-making about the body itself, in addition to control and discipline strategies over bodies, representing biopower. The last category revealed care strategies aimed at resisting spaces of subjection, discipline and body control. The strategies governed by biopower was also present, with the reproduction of normative and disciplinary discourses through the disapproval of homosexuality and the valorization of male virility. **Final Considerations:** This study revealed the adolescents' capacity for autonomous decision making, criticality, argumentation and definition of strategies in order to protect themselves, take care of themselves and establish their way of being in the world. The reproduction of inequalities between genders also stands out as a precondition for the establishment of divergent care strategies for boys and girls. There is an unequivocal need for the implementation of public policies in this area, greater government openness and school, as well as family participation to be put into practice in a broad, democratic manner and within the principles of autonomy, citizenship and sexual and reproductive rights of the adolescent.

Keywords: Adolescent. Sexuality. Gender. Care. Play and Playthings. Educational Technology.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Componentes da sexualidade .....	20
Figura 2 –	Dimensões do cuidado de si .....	33
Figura 3 –	Tela inicial do Jogo <i>online</i> Papo Reto, com os cinco cenários .....	41
Figura 4 –	Escolha do <i>avatar</i> .....	42
Figura 5 –	Situação-problema apresentada no Jogo Papo Reto .....	46
Figura 6 –	Situação-problema apresentada no Jogo Papo Reto .....	48
Figura 7 –	Situação-problema apresentada no Jogo Papo Reto .....	49
Figura 8 –	Situação-problema apresentada no Jogo Papo Reto .....	50
Figura 9 –	Situação-problema apresentada no Jogo Papo Reto .....	51
Figura 10 –	Situação-problema apresentada no Jogo Papo Reto .....	52
Figura 11 –	Situação-problema apresentada no Jogo Papo Reto .....	52
Figura 12 –	Situação-problema apresentada no Jogo Papo Reto .....	54
Figura 13 –	Situação-problema apresentada no Jogo Papo Reto .....	56
Figura 14 –	Situação-problema apresentada no Jogo Papo Reto .....	59
Figura 15 –	Situação-problema apresentada no Jogo Papo Reto .....	59
Figura 16 –	Situação-problema apresentada no Jogo Papo Reto .....	60
Figura 17 –	Situação-problema apresentada no Jogo Papo Reto .....	61
Figura 18 –	Situação-problema apresentada no Jogo Papo Reto .....	62

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Comparação entre as estratégias de cuidado propostas pelas meninas e pelos meninos, referentes à satisfação com o corpo .....	57
------------	---	----

## **LISTA DE SIGLAS**

IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
MS	Ministério da Saúde
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
OPAS	Organização Pan-Americana de Saúde
PSE	Programa Saúde na Escola
SINAN	Sistema de Informação de Agravos de Notificação
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## LISTA DE SÍMBOLOS

♂

Masculino

♀

Feminino

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS.....</b>	<b>18</b>
2.1	Objetivo geral .....	18
2.2	Objetivos específicos .....	18
<b>3</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA .....</b>	<b>19</b>
3.1	Sexualidade e adolescência .....	19
3.2	Gênero e sexualidade na adolescência .....	28
3.3	O cuidado de si .....	30
<b>4</b>	<b>MÉTODO .....</b>	<b>39</b>
4.1	Tipo de estudo .....	39
4.2	Cenário .....	39
4.3	Participantes .....	40
4.4	Coleta de dados .....	40
4.5	Jogo <i>online</i> Papo Reto .....	40
4.6	Produção e análise dos dados .....	43
4.7	Aspectos éticos .....	44
<b>5</b>	<b>RESULTADOS .....</b>	<b>45</b>
5.1	Conflito e violência nas relações de intimidade .....	45
5.2	Relações abusivas perpetradas por terceiros .....	50
5.3	Relação com o corpo .....	53
5.4	Exercício da sexualidade .....	57
<b>6</b>	<b>DISCUSSÃO .....</b>	<b>62</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>72</b>
<b>8</b>	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>74</b>
	APÊNDICE A – TCLE .....	81
	APÊNDICE B – TCLE .....	83
	APÊNDICE C – TCLE .....	85



## 1 INTRODUÇÃO

A adolescência compreende um período singular, com transformações biológicas, fisiológicas, psicológicas, sociais e comportamentais (CONNELL, 2016). Para a Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Ministério da Saúde (MS), a adolescência abrange indivíduos com idade entre 10 e 19 anos. Subdivide-se em pré-adolescência, período no qual se observa o aparecimento dos primeiros caracteres sexuais, marcando o início da puberdade, que vai, aproximadamente, dos 10 aos 14 anos; e adolescência, que compreende o período dos 15 aos 19 anos, variação cronológica que considera o desenvolvimento individual e as relações socioculturais (OMS, 2018).

Esse período de transição entre a infância e a fase adulta é permeado por dúvidas, descobertas, rebeldias, transgressões e contestações direcionadas especialmente aos conceitos, aos significados e aos conhecimentos cristalizados e construídos socialmente (CAMPOS *et al.*, 2018). A adolescência é caracterizada por rupturas e por construções, a partir das quais ocorre a consolidação da identidade e uma nova posição social (BRASIL, 2017). Com a chegada da puberdade, ao se verificarem os primeiros sinais da adolescência, expressos de diversas formas além das modificações corporais, a/o adolescente necessita de elaborar vários lutos, como a perda do corpo infantil, a perda da família como referência absoluta e a perda do seu antigo papel no meio social. Esse momento é vivenciado de forma singular e cada uma/um fará suas ressignificações, de acordo com seu contexto histórico e social (WARPECHOWSKI; DE CONTI, 2018; CARONI; BASTOS, 2015; SILVA *et al.*, 2017).

Essa fase de transição, conjugada com a necessidade de contestação e com a não correspondência a uma série de expectativas sociais idealizadas, acaba fazendo com que as/os adolescentes sejam vistas/os como imaturas/os ou incapazes de tomar decisões autônomas e consideradas/os inaptas/os para conduzir a própria vida e para cuidar de si. Seus conhecimentos, suas vivências e seus próprios meios utilizados para o processo de tomada de decisão são, frequentemente, subestimados ou desconsiderados (CARONI; BASTOS, 2015), esperando-se delas/es o papel passivo e de reiteração dos cuidados, postos como adequados para si (ARAÚJO, 2018).

O reconhecimento da/o adolescente como agente autônomo, responsável pela construção do seu cuidado e do seu próprio desenvolvimento, tanto no âmbito individual quanto no coletivo, é defendido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e pela Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS). Essas organizações apontam que a participação autônoma da/o adolescente traz como benefício a melhoria nas relações das/os

adolescentes consigo mesmas/os e com os adultos, com uma influência benéfica no seu desenvolvimento social e emocional (OMS, 2018; OPAS/MS, 2017).

No Brasil, as políticas públicas para adolescentes seguem nessa mesma direção, buscando favorecer o protagonismo e a cidadania (BRASIL, 2011), ainda que se observem na prática muitas tentativas de manutenção da heteronomia (ARAÚJO, 2018) e do governo das condutas das/os adolescentes.

Não são raras as políticas públicas, as estratégias e as ações voltadas para as/os adolescentes que se baseiam em diretrizes contrárias ao desenvolvimento da autonomia (OPAS/MS, 2017) e que se vinculam a uma janela de vulnerabilidades e de risco. Essa lógica atrelada ao risco, à vulnerabilidade e à crença na incapacidade das/os adolescentes para a tomada de decisão autônoma costuma levar a estratégias subordinadas a uma perspectiva tradicionalista, verticalizada e de assujeitamento a concepções pré-estabelecidas de certo e errado, bom e ruim, bem e mal, desconsiderando-se as singularidades, as especificidades, as demandas e as necessidades desse público.

A não problematização da realidade e a apresentação de abordagens a partir de conceitos pré-concebidos, comumente alheios à realidade e aos saberes das/os adolescentes, acabam sendo empregados como alternativas mais seguras para a o alcance de uma transição bem-sucedida e adaptada para a vida adulta (MINAYO, 2011). Essas alternativas ditas seguras têm o propósito de moldar e padronizar as/os adolescentes. Tais aspectos tornam-se mais evidentes quando o assunto se refere à sexualidade, com a produção de discursos que regulam, normatizam, instauram saberes e produzem verdades tidas como únicas (FOUCAULT, 2018).

A sexualidade, a própria adolescência e as relações de gênero são fruto das construções sociais e são atravessadas pela historicidade e pela temporalidade. São caracterizadas, principalmente, pelas relações de poder, que hierarquizam e determinam, por exemplo, o que é ser homem e o que é ser mulher (LOURO, 2014). Também determinam como e onde os assuntos relacionados à sexualidade e ao gênero devem ser abordados e quais estão autorizados ao desvelamento.

O entrelaçamento entre a sexualidade e as relações de gênero (FLEURY-TEIXEIRA; MENEGHEL, 2015) torna indissociáveis, igualmente, as discussões que se fazem sobre esses termos. Permeadas pelas relações de poder, ambas, sexualidade e relações de gênero, têm marcadamente em sua gênese os processos culturais, sociais e políticos, os quais lhes atribuem valores, reservando, historicamente, ao feminino um lugar de subalternidade e ao masculino o papel de dominador (FLEURY-TEIXEIRA; MENEGHEL, 2015). Esses

pressupostos, muitas vezes compreendidos como naturais, são reproduzidos e reforçados na sociedade, limitando o posicionamento crítico das/os adolescentes sobre as desigualdades que orientam as relações de gênero, a vivência da sexualidade e as relações que estabelecem consigo mesma/o e com o coletivo.

Os discursos que determinam como e onde os assuntos relacionados à sexualidade e ao gênero devem ser abordados, além de silenciarem a/o adolescente e cercearem sua autonomia, reproduzem desigualdades. Essa situação corrobora a carência de espaços que promovam o diálogo sobre a sexualidade e as relações de gênero e que estimulem o protagonismo das/os adolescentes, partindo das diversas possibilidades de percepção do mundo por meio da problematização das realidades.

A intenção de se buscar um tipo de abordagem mais livre e problematizadora, que favoreça o raciocínio crítico-reflexivo, a interação e a produção de modos de subjetivação no campo da sexualidade e das relações de gênero entre adolescentes, levou à criação do Jogo Papo Reto (SOUZA *et al.*, 2017). Essa tecnologia pedagógica, no formato de jogo *online*, foi idealizada para adolescentes como uma alternativa de autoconhecimento, de relação consigo mesmo e com os outros, de uma prática do domínio e do governo de si, visando à autopreservação, ao seu lugar no mundo e à criação da possibilidade de deslocamentos nos sistemas normativos e disciplinares em um jogo que não pré-define modos de experiências.

O intuito é que, por meio do jogo, as/os adolescentes possam estabelecer estratégias de cuidado que caracterizam as relações de sexualidade e de gênero interpeladas pela historicidade e pela temporalidade. Espera-se, ainda, que a produção de um conhecimento sobre si e a elaboração de saberes individuais e coletivos sejam capazes de fomentar reflexões, mobilizar e transformar formas de lidar com os mecanismos regulatórios e disciplinares instituídos socialmente.

Diante das questões aqui expostas, o presente trabalho busca responder à seguinte pergunta norteadora: como se dão as estratégias de cuidado propostas por adolescentes, por meio do Jogo *online* Papo Reto, tendo por enfoque o cuidado de si?

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo geral**

Analisar as estratégias propostas por adolescentes no Jogo *online* Papo Reto, sobre sexualidade e gênero, à luz da teoria do cuidado de si.

### **2.2 Objetivos específicos**

- Aplicar o Jogo *online* Papo Reto, sobre sexualidade e gênero, às/aos adolescentes pertencentes ao público-alvo determinado para a pesquisa;
- Identificar as estratégias de cuidado de si propostas por essas/es adolescentes, diante das situações-problema abordadas no Jogo Papo Reto e das interações ocorridas entre os pares;
- Analisar as estratégias propostas pelas/os adolescentes à luz da teoria do cuidado de si.

### **3 REVISÃO DE LITERATURA**

#### **3.1 Sexualidade e adolescência**

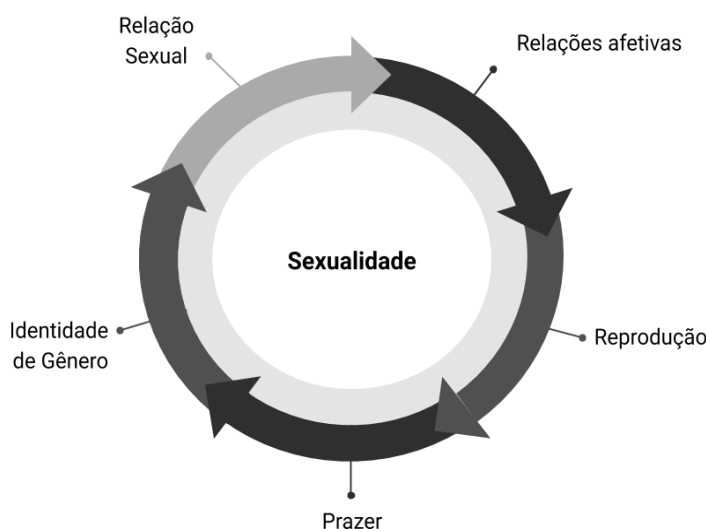
A sexualidade é um aspecto central e intrínseco à condição humana. É identificada em todas as fases de desenvolvimento das pessoas (RODRIGUES; WECHSLER, 2014). Sua manifestação envolve as relações sociais, políticas e individuais que orientam a forma como as pessoas experienciam seus corpos, satisfazem seus desejos e seus prazeres e demonstram afeto (MAIA; SPAZIANI, 2010).

A vivência da sexualidade é influenciada pela qualidade das relações emocionais, afetivas e sociais estabelecidas com as pessoas que constituem os diversos espaços de convivência. Esses espaços são experimentados desde a infância, atrelados às crenças, aos valores e às normas sociais vigentes, e influenciam a maneira como a sexualidade será expressa pela/o adolescente (BRASIL, 2017).

Ao se abordar a sexualidade na adolescência, há de se considerar seus aspectos plurais e subjetivos, reconhecendo a importância da vivência das relações a partir da igualdade entre os gêneros, da intimidade, do prazer, dos sentimentos, dos desejos e das emoções (BRASIL, 2010). A associação da sexualidade ao perigo, à prática de algo negativo e ao sexo para a procriação, enfatizando os riscos da prática sexual na adolescência e desconsiderando o sexo pelo prazer, é uma abordagem frequentemente vista nos livros e nos guias voltados para a educação sexual de adolescentes (ARAÚJO, 2018). Constitui, muitas vezes, o fio condutor das orientações disponibilizadas pela família e até mesmo pela escola (UNESCO, 2013).

Os aspectos apresentados na Figura 1 são apontados como influenciadores no exercício da sexualidade e nos sentidos atribuídos às relações de gênero (OPAS/MS, 2017).

**Figura 1 – Componentes da Sexualidade**



**Fonte: Desenvolvido pela autora, adaptado de MAIA, 2010.**

A família é umas das instituições responsáveis, direta ou indiretamente, por fornecer influências sobre o sexo e a sexualidade à/ao adolescente (BORGONOVO *et al.*, 2017; FURLANETO *et al.*, 2018). É nesse espaço que a/o adolescente tem seus primeiros contatos com as crenças, os valores, as atitudes e os comportamentos que circundam o sexo e a sexualidade. É a partir desses elementos que sua identidade começa a ser formada para a expressão de sua sexualidade (RODRIGUES; WECHSLER, 2014).

A escola é outra instituição de grande influência sobre as/os adolescentes. É onde passam boa parte do tempo, desenvolvem laços afetivos e, via de regra, é onde se iniciam as expressões mais evidentes da sexualidade. A escola é considerada um local privilegiado para educação sexual e tem papel de destaque nas políticas públicas de educação e de saúde no campo da sexualidade e dos seus desdobramentos.

Essa presença da sexualidade [na escola] independe da intenção manifesta ou dos discursos explícitos, da existência ou não de uma disciplina de “educação sexual”, da inclusão ou não desses assuntos nos regimentos escolares. A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se “despir.” (LOURO, 2000, p. 81).

No Brasil, o Programa Saúde na Escola (PSE), implantado em 2007, preconiza a articulação de ações da educação e da saúde e tem como uma de suas 12 ações o enfoque na saúde sexual e reprodutiva. A partir do PSE, há a possibilidade de se abordar a sexualidade

fora do campo de uma disciplina curricular e de se concebê-la como uma parte que compõe o corpo e não como um conteúdo. O PSE é um programa potente por meio do qual se abrem diversas possibilidades para abordagem do tema sexualidade, inclusive por meio de jogos educativos. Esse pressuposto não disciplinar ou regimental afasta a sexualidade do conteúdo curricular, amplia sua dimensão e não a reduz a um corpo ou ao sexo. Nesse sentido, o jogo vem ao encontro da ideia de proporcionar um espaço no qual se pode discutir sexualidade e gênero de forma não sedimentada ou disciplinar, inclusive no ambiente escolar.

Apesar desse entendimento e de as diretrizes do PSE e de outros programas voltados para adolescentes terem como foco a participação ativa e o poder de decisão sobre si, a sexualidade na adolescência é ainda, muitas vezes, negligenciada e considerada de difícil abordagem pelas famílias, pelas escolas e em outros espaços sociais. Há uma negação da vivência da sexualidade das/os adolescentes (PAES; FAVORITO; GONÇALVES, 2015). Esse fato conduz a uma autêntica guerra travada pelas/os adolescentes na busca por respostas aos conflitos internos comuns nessa fase de construção identitária, às significações sobre a vivência da sexualidade e aos tabus e aos preconceitos que cercam o tema (FIRMINO *et al.*, 2018).

A abordagem do tema sexualidade traz vieses de censura e vigilância que, segundo Louro (2014), orientam-se, fundamentalmente, pela ideia de padronização de condutas e de normalidade. Por meio dessa ideia, estabelece-se a heterossexualidade como única possibilidade de se relacionar sexualmente e se mantém a sujeição da mulher no que se refere às relações de gênero.

A OMS, em 1947, estabeleceu o conceito ampliado de saúde como "um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade" (OMS, 2006, p. 20). Nesse sentido, a sexualidade passou a fazer parte dessa nova definição, integrando, assim, a visão holística de saúde (OMS, 2006).

No Brasil, apesar de a Constituição Brasileira garantir o livre exercício dos direitos sexuais e reprodutivos das pessoas, foi somente a partir da Conferência Mundial de Populações e Desenvolvimento, ocorrida no Cairo, em 1994, que os direitos sexuais e reprodutivos das/os adolescentes, de ambos os sexos, foram reconhecidos no país e também no mundo (BRASIL, 2017). A partir de então, passou a ser considerado direito de todo indivíduo receber orientações a respeito da vivência da sexualidade e dos direitos reprodutivos, incluindo a população adolescente (FIRMINO *et al.*, 2018).

Os direitos sexuais e reprodutivos, como garantidores do princípio da diversidade humana, traduzem-se nos pressupostos da saúde, da igualdade, da autonomia e da integridade corporal (BRASIL, 2017). Como direitos sexuais, entende-se:

[...] o direito de viver a sexualidade, com respeito pelo próprio corpo e pelo do parceiro; de escolher o (a) parceiro (a) sexual sem medo, culpa, vergonha ou falsas crenças; de escolher se quer ou não ter uma relação sexual, independentemente do fim reprodutivo; de expressar livremente sua orientação sexual; de ter acesso à informação e à educação sexual e reprodutiva; entre outros que possibilitam a expressão livre da sexualidade. (BRASIL, 2017, p. 4).

Por sua vez, os direitos reprodutivos constituem:

[...] o direito das pessoas decidirem, de forma livre e responsável, se querem ou não ter filhos, quantos filhos desejam ter e em que momento de suas vidas. Compreendem o direito de acessarem informações, meios, métodos e técnicas para ter ou não ter filhos e o direito de exercerem a sexualidade e a reprodução livre de discriminação, coerção e violência. (BRASIL, 2017, p. 4).

A saúde sexual está intimamente relacionada com a saúde reprodutiva, pois materializa a habilidade das mulheres e dos homens de fazerem as próprias escolhas, de desfrutarem e expressarem sua sexualidade de forma livre, afastando os riscos de contrair Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), conceber uma gravidez não planejada, sofrer violências e outras situações danosas. O exercício da saúde sexual e reprodutiva facilita o acesso às orientações e aos métodos contraceptivos, assim como a decisão pelo momento em que se deseja ter filhos e, quando assim for decidido, possibilita o acesso aos serviços de saúde que garantem a promoção, a proteção e a recuperação da saúde (VENTURA, 2002). Além de valorizar a vida, as relações pessoais e a expressão da própria identidade, o exercício da saúde sexual e reprodutiva valoriza o prazer, permeia as relações, conduz a comunicação e a determinação pessoal (BRASIL, 2017).

Ao ser privado do acesso à educação sexual e do exercício da sexualidade de forma saudável, a/o adolescente fica exposta/o aos abusos e às práticas sexuais inseguras, podendo ter como resultado IST, violência sexual, pedofilia, aborto, dificuldade em identificar relacionamentos abusivos, entre outros fatores de vulnerabilidade. São inúmeras as consequências que interferem na vivência positiva futura da sexualidade e possibilitam a exposição à violência de gênero (PAES; FAVORITO; GONÇALVES, 2015).

É principalmente na adolescência que a pessoa experimenta a sensação de descoberta do próprio corpo, o interesse pelo corpo do outro e a busca pela autonomia e pelo controle sobre suas próprias decisões (OPAS/MS, 2017). Esse impulso associado aos estímulos externos, favorece a iniciação sexual cada vez mais precoce e insegura, com prejuízo à saúde



da/o adolescente (LARA; ABDO, 2016). A exposição às situações de risco acima referidas aumenta a vulnerabilidade das/os adolescentes.

A adolescência é um período em que se verifica uma particular suscetibilidade a diversas situações de vulnerabilidade, como IST, violências sexuais e de gênero (COSTA *et al.*, 2017; BRASIL, 2018a). O conceito de violência é amplo, multicausal e complexo, visto que inclui várias dimensões e, por se tratar de um fenômeno histórico, constitui o reflexo da sociedade que o produz (BRASIL, 2018b). Consiste no uso da força, do poder e de privilégios para dominar e submeter uma pessoa ou um grupo de pessoas, a fim de provocar danos e impor sua vontade (MINAYO, 2007).

A violência sexual contra crianças e adolescentes, além de grave violação dos direitos humanos, é considerada um problema de saúde pública mundial, geradora de consequências tanto sociais quanto individuais (WHO, 1999). Esse tipo de violência independe de classe social e se constitui em um fenômeno observado em diversas culturas (BRASIL, 2018a).

O Ministério dos Direitos Humanos do Brasil caracteriza a violência sexual como toda ação que obriga uma pessoa a manter contato sexual, físico ou verbal ou a participar de relações sexuais nos diversos tipos de relacionamentos. Para tanto, são utilizadas ações arbitrárias como força física, intimidação, coerção, chantagem, suborno, aliciamento, manipulação, ameaça ou qualquer outro mecanismo que anule ou limite a vontade pessoal (BRASIL, 2018a).

De acordo com dados do Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde, entre os anos de 2011 e 2017, foram notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) 184.524 casos de violência sexual no Brasil; destes, 83.068 (45,0%) contra adolescentes (BRASIL, 2018b). O mesmo Boletim aponta que, no ano de 2017, em comparação ao ano de 2011, houve aumento de 83,2% no número de notificações de violência sexual contra adolescentes (BRASIL, 2018b).

O referido Boletim aponta outros dados relevantes acerca da violência sexual contra adolescentes: 76.716 (92,4%) vítimas eram do sexo feminino e 6.344 (7,6%) do sexo masculino; 39,8% dos eventos tiveram caráter de repetição; 58,2% ocorreram na residência e 13,9% em via pública; 70,4% foram notificados como estupro. Em 38,4% dos casos, o provável autor da violência sexual tinha vínculo intrafamiliar com a/o adolescente (familiares ou parceiros íntimos) (BRASIL, 2018b). Esses dados evidenciam que o componente gênero ainda mantém forte influência na maioria dos casos notificados (BRASIL, 2018b).

O número de ocorrências de violência sexual contra adolescentes pode ser ainda maior ao se considerar que, apesar de compor evento de notificação compulsória, ainda há sub-

registro dos casos (CEZAR; ARPINI; GOETZ, 2017). Esse achado associa-se a vários fatores, tais como: despreparo do profissional notificante no que se refere à identificação e à intervenção nos atos de violência; fragilidade ou desorganização institucional no acolhimento à vítima e na condução do caso; e profissionais receosos e inseguros quanto às consequências legais relacionadas à notificação (CEZAR; ARPINI; GOETZ, 2017).

Ainda no campo das violências, outro aspecto que merece atenção refere-se à discriminação e ao preconceito em função da orientação sexual e da identidade de gênero. A organização das relações de gênero na sociedade tem como base a visão binária dos sexos, delimitando-os em sexo masculino ou feminino. Se ter vagina é igual a ser mulher e ter pênis é igual a ser homem, a lógica binária tem, nas diferenças biológicas entre mulheres e homens, a gênese das desigualdades entre os gêneros. Essa lógica, que não permite desassociar o sexo de nascimento da vivência da sexualidade, impõe a heteroafetividade como a única direção, desconsiderando a diversidade sexual (SILVA; SOUZA; BEZERRA, 2019).

No âmbito deste trabalho, entende-se diversidade sexual como as diferentes possibilidades de vivenciar e expressar a sexualidade (JESUS *et al.*, 2008). Pessoas que não se encaixam no contexto binário mulher/homem são invisibilizadas, marginalizadas e submetidas à violência e ao preconceito ao terem sua sexualidade silenciada e ocultada (DINIS, 2011).

Para Foucault (2018), o poder estabelece um regime binário também no que se refere à vivência da sexualidade, ao ditar a lei e ao reduzir o sexo ao que é lícito e ilícito, certo e errado, permitido e proibido. A instância da regra que o poder apresenta prescreve uma ordem e produz discursos históricos relativos à sexualidade (FOUCAULT, 2018) e aos gêneros. Louro (2014) acrescenta que os gêneros produzem-se a partir das relações de gênero e se reproduzem por meio delas. Dessa forma, o poder incide sobre as relações de gênero, a sexualidade, o sexo e o corpo, subjugando aquelas/es que divergem do que foi instituído. A forma geral da submissão é expressa, de um lado, por meio do poder do legislador e, de outro, por meio do sujeito obediente (FOUCAULT, 2018).

As formas de subjugação refletem a instituição e a manutenção da disciplina dos corpos, estudada por Foucault. São elas: o biopoder, a biopolítica, a confissão, a governamentalidade e o poder pastoral. Cada face do poder manifesta-se em um espaço disciplinar diferente, de forma a manter os indivíduos sob constante controle.

O biopoder refere-se ao poder exercido pelo Estado em função do controle e da disciplina das populações e dos seus corpos; a biopolítica refere-se às políticas públicas constituídas para legitimar esse controle (FOUCAULT, 2018). O biopoder pode ser visto em

diversas práticas e espaços, como nas instituições escolares, nos hospitais, nas famílias, nas práticas políticas e na saúde pública. Em outras palavras, o biopoder manifesta-se nos ambientes coletivos. A biopolítica consiste em intervenções disciplinantes e reguladoras, centradas no corpo-espécie, ou seja, no corpo social que expressa os processos biológicos. A longevidade, o estado de saúde, as suas condições de manutenção, entre outros, são exemplos de aplicação da biopolítica (FOUCAULT, 2018). O biopoder é a forma que o Estado desenvolve para governar e disciplinar as populações e os seus corpos, usando como instrumento a biopolítica.

O corpo é o principal campo de atuação do biopoder, sobretudo no que se refere ao sexo, às relações de gênero e à sexualidade. Nesse sentido, o Estado exerce seu poder disciplinante quer seja controlando a reprodução, quer seja definindo o que é normal ou anormal, lícito ou ilícito para o sexo.

O campo da anomalia, segundo Foucault, é atravessado pelo problema da sexualidade (FOUCAULT, 2017). Desse modo, o filósofo indica que esse controle pelo biopoder sustenta a sempre presente vontade de saber dos indivíduos sobre o sexo. O biopoder impele, assim, os indivíduos a uma vontade de saber a verdade sobre o sexo (VILAS BOAS, 2002). Essa necessidade leva ao que Foucault chamou de confissão.

A confissão é mais uma forma de controlar os corpos das populações. Teve início no campo religioso, se estendeu por séculos a outras dimensões sociais e tornou natural o ato de confessar, de dizer a verdade em nós, de reconhecer em si mesma/o sua própria verdade, porém sem percebê-la como uma forma de submissão. Confessar a verdade leva os indivíduos a se reconhecerem virtuosos ou pecadores diante do sexo, induzindo-os a se autocorrigir de acordo com o aquilo que é considerado normal (VILAS BOAS, 2002).

Por confissão entendo estes procedimentos pelos quais se incita o sujeito a produzir sobre a sua sexualidade um discurso da verdade, que é capaz de ter efeitos sobre o próprio sujeito. (FOUCAULT, 2013, p. 297).

A ideia de que as pessoas podem ser governadas e de que existe um tipo de governo a ser seguido por elas remete ao poder pastoral, no qual o deus ou os deuses são vistos como pastores dos homens, que, por sua vez, são considerados como seu rebanho (FOUCAULT, 2008). Ligada à religião, principalmente cristã, assim como a governamentalidade, essa forma de poder é exercida sobre uma multiplicidade em movimento. Foucault (2008) salienta que, além de disciplinar os corpos, o poder pastoral objetiva o controle das almas.

[...] o poder pastoral é um poder individualizante. [...] É a ideia de um poder que se exerce sobre a multiplicidade, que guia para um objetivo e serve de intermediário desse objetivo. É, portanto, um poder finalizado, finalizado sobre aqueles mesmos sobre os quais se exerce, e não sobre uma unidade de tipo, de certo modo, superior, seja ela a cidade, território, o Estado, o soberano... É um poder que visa, ao mesmo tempo, todos e cada um em sua paradoxal equivalência, e não a unidade superior formada pelo todo. (FOUCAULT, 2008, p. 164).

O poder pastoral, segundo Foucault (2008), ainda tem grande influência nos dias atuais. Esse poder busca o governo cotidiano dos homens em sua vida real e usa como pretexto a recompensa de uma vida eterna, de um novo mundo, de salvação da alma. O poder pastoral é uma arte de conduzir, guiar, controlar e manipular os homens e se manifesta de diversas formas, como a confissão, a penitência, o exame de consciência, a comunhão, a culpa e a verdade. Essas formas são consideradas como caminhos para o indivíduo alcançar a salvação da alma. Para tanto, os indivíduos devem se submeter à lei e à ordem, aos mandamentos e à vontade de Deus. O poder pastoral é, portanto, individualizante, na medida em que o pastor conduz cada ovelha, cada componente de seu rebanho.

Não existe uma estratégia única, global, válida para toda a sociedade e uniformemente referente a todas as manifestações do sexo: a ideia, por exemplo, de muitas vezes se haver tentado, por diferentes meios, reduzir todo o sexo à sua função reprodutiva, à sua forma heterossexual e adulta e à sua legitimidade matrimonial não explica, sem a menor dúvida, os múltiplos objetivos visados, os inúmeros meios postos em ação nas políticas sexuais concernentes aos dois sexos, às diferentes idades e às classes sociais. (FOUCAULT, 2018, p. 112-113).

Se o poder pastoral tem como pressuposto o controle no sentido singular, a governamentalidade expressa o governo das populações e dos indivíduos e pode ser compreendida como uma extensão do conceito de poder a partir do entendimento de Foucault. Consiste na regência da conduta humana, em um determinado contexto social, por meio das instituições do Estado. Significa uma forma diferente daquela tradicionalmente utilizada para conceber a ideia de Estado. Para Foucault (2018), governar não é uma ação engessada; pressupõe movimento e está diretamente vinculada ao contexto histórico e geracional.

Nesse sentido, a governamentalidade obedece às construções históricas e se diferencia entre uma sociedade e outra. Foucault ainda traz a ideia de que a governamentalidade é um conjunto de estratégias, técnicas, saberes e cálculos cujo objetivo é o controle do Estado sobre a população (FOUCAULT, 2008). Essas estratégias de controle e materialização do poder do Estado são verificadas por meio de práticas de condução coletiva, como o domínio do saber sobre a economia política e a instituição de técnicas de controle com dispositivos de segurança (FOUCAULT, 2008). A governamentalidade faz-se presente diante das

multiplicidades individuais em movimento nas quais as relações de poder serão instituídas. O poder do Estado, na face da governamentalidade, busca governar os indivíduos em direção à padronização das multiplicidades (FOUCAULT, 2008).

Todos os artifícios utilizados pelo poder disciplinar buscam não somente tornar os corpos úteis, aumentando suas habilidades produtivas ou a sua sujeição, mas também formar uma relação na qual os mesmos mecanismos de poder tornam os corpos mais obedientes e dóceis (FOUCAULT, 2013). A disciplina, orientada em termos econômicos e de produtividade, segundo Foucault (2013), fabrica corpos submissos e exercitados, aumentando suas forças. Ao mesmo tempo, limita essas mesmas forças outrora potencializadas, em termos políticos de obediência (FOUCAULT, 2013).

[...] em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. [...] não se trata de cuidar do corpo, em massa, *grosso modo*, como se fosse uma unidade indissociável, mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao mesmo nível da mecânica – movimentos, gestos, atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo. (FOUCAULT, 2013, p. 132-133).

As limitações exercidas por meio do poder disciplinar sobre os corpos estabelecem-se nos diversos ambientes de socialização e, como descrito, usam diferentes mecanismos de controle. Na escola, por exemplo, há reforço dos estereótipos de gênero e é onde, também, a intolerância em relação à diversidade sexual costuma ser perpetuada. Apesar de compartilharem o mesmo espaço físico, meninas e meninos são ensinadas/os, tacitamente, de forma diferente. Ou seja, além dos conteúdos das disciplinas comuns a todas/os as/os estudantes, às meninas ensina-se o que é adequado e aos meninos o que é apropriado (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016; OLIVEIRA JÚNIOR, 2016). No ambiente escolar, observa-se a naturalização das relações hierárquicas entre os gêneros e a manutenção da não aceitação à diversidade sexual (OLIVEIRA JÚNIOR, 2016).

É preciso deixar de negar, reprimir e estigmatizar a sexualidade e a sua diversidade na população adolescente. Trabalhá-la no âmbito escolar, espaço que amplia a socialização das pessoas, é apontada como uma alternativa para proporcionar a diminuição de vulnerabilidades, promover a convivência respeitosa com o livre exercício de todos os aspectos da sexualidade e da diversidade sexual (UNFPA, 2018), desde que seja mantida a participação ativa das/os adolescentes nos processos de (re)construção do conhecimento. Além disso, é preciso abordar a sexualidade de adolescentes enfatizando sua dimensão de

liberdade, prazer e autonomia, sem o viés social, o qual determina uma necessidade de regulação e de controle (NASCIMENTO-GOMES; CORDEIRO, 2013).

### 3.2 Gênero e sexualidade na adolescência

Gênero é um termo importante estreitamente ligado ao movimento feminista e possui uma definição complexa. Tem sido utilizado para discorrer sobre as diferenças relacionais entre homens e mulheres como construto social (CARVALHO; RABAY, 2015). Historicamente, o termo passou a ser mencionado entre as décadas de 1960 e 1970, tendo como precursores os estudos de feministas inglesas insatisfeitas com o papel subserviente relegado às mulheres ao longo da história. As mulheres, então, se organizaram em militâncias e em movimentos feministas com o intuito de reivindicarem igualdade de direitos entre os sexos (COGO; BERNARDES, 2014).

As lutas empreendidas pelas mulheres, observadas em vários países do mundo, foram descritas na literatura a partir de seu contexto histórico e social nas chamadas Ondas Feministas (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016). Cada onda pleiteava suas demandas específicas, considerando o contexto social e histórico vigente. A primeira onda feminista, que teve início no final do século XIX e perdurou até o fim do século XX, reivindicava para as mulheres brancas e de classe média o direito ao voto, o direito de serem votadas nas eleições, o direito ao trabalho remunerado, à propriedade privada e à educação, além do repúdio ao casamento arranjado (BITTENCOURT, 2015; LOURO, 2014). Esse período, também conhecido como Sufragismo, teve na cientista Bertha Lutz sua principal representante no Brasil (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016).

A segunda onda feminista ocorreu entre os anos de 1960 e 1980, trazendo à luz questões referentes à dominação social pelo patriarcado e à subjugação da mulher (neste momento, são incluídas as mulheres negras e pobres). Há referências mais abertas às relações de poder entre os gêneros, problematizações acerca das limitações impostas à vivência da sexualidade da mulher, violência doméstica e sexual, desigualdade salarial e desassociação da ideia de que todas as mulheres nasceram exclusivamente para atuarem como mães, reservadas aos afazeres do espaço doméstico (BITTENCOURT, 2015; LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016; LOURO, 2014). A principal expoente desse período foi a filósofa francesa Simone de Beauvoir, que contribuiu com a obra *O Segundo Sexo* (1949), criticando o determinismo biológico e defendendo que as desigualdades entre homens e mulheres são frutos das relações sociais (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016). Nesse cenário, o termo gênero foi incorporado ao feminismo como um conceito central organizativo, por fazer oposição ao

determinismo biológico como justificativa para as desigualdades sociais e históricas entre homens e mulheres (CARVALHO; RABAY, 2015).

Os estudos produzidos pelas feministas da Universidade Inglesa de Sussex ocorreram durante a segunda onda. As pesquisadoras constataram que a hierarquização das relações entre homens e mulheres, que geralmente reservava às mulheres o lugar de desvalorização, era um fenômeno que promovia as relações sociais de gênero, ou seja, construções sociais de comportamentos esperados e determinados para homens e mulheres (COGO; BERNARDES, 2014). Esse fenômeno, reforçado e transmitido com o passar das gerações, podia ser observado historicamente no âmbito mundial, em diversas culturas, e era responsável por fomentar as desigualdades sociais entre os gêneros (COGO; BERNARDES, 2014). Desigualdade de gênero, portanto, significa a hierarquização das diferenças entre homens e mulheres, tornando, assim, um oprimido em relação ao outro (CARVALHO; RABAY, 2015).

É relevante ressaltar a elaboração do conceito de gênero como categoria de análise, ocorrida na segunda onda do feminismo, pela filósofa norte-americana Joan Scott. Esse fato é um marco mundial nos estudos sobre o tema. Scott refutou o determinismo biológico na definição do gênero e salientou que tais relações são impostas por relações de poder (TONELI, 2012).

Existem diferenças entre os conceitos de sexo e de gênero. Enquanto o primeiro diz respeito às diferenças biológicas entre homens e mulheres, ou seja, é relativo aos caracteres genitais, o segundo tem relação com os diferentes modos de o indivíduo se perceber como homem ou mulher. Essa percepção sofre influência de diversos fatores, como a época histórica e os aspectos individuais, emocionais e sociais (LOURO, 2014). As diferenças entre os termos são corroboradas pelos estudos de Beauvoir e de Scott, que promoveram a discussão a respeito das relações de poder diretamente relacionadas à questão biológica que diferencia homens e mulheres.

No Brasil, as discussões em torno da segunda onda do feminismo coincidiram com a redemocratização, garantindo ao movimento feminista dessa época um fenômeno de massa para a militância de pautas políticas e sociais, reivindicações voltadas para a liberdade sexual e para os direitos reprodutivos da mulher (CONPEDI, 2015).

As pautas da terceira onda feminista, iniciada em 1990 e vigente nos dias atuais, referem-se à teoria *queer*, que defende as várias maneiras de ser mulher, o direito às decisões sobre o próprio corpo e à sexualidade, além da influência de outros tipos de desigualdades exercidas sobre o gênero, como raça, religião, classe e orientação sexual. A filósofa norte-americana Judith Butler é sua principal representante (LINS; MACHADO; ESCOURA,

2016). Esse período é caracterizado pela defesa das “diferenças dentro das diferenças”; assim, além de reconhecer o caráter excludente das primeiras ondas do feminismo, a terceira onda desvela a pluralidade do ser mulher (CONPEDI, 2015).

As diferentes perspectivas das três ondas feministas convergem, de forma geral, para a conclusão de que as diferenças entre homens e mulheres são, portanto, ensinadas e aprendidas por meio de roteiros rígidos ditados pela sociedade. Esses roteiros são construídos e ensinados pela família, pela escola, pela religião e pelos meios de comunicação, sendo constantemente reforçados nos espaços de socialização das pessoas (CONNELL; PEARSE, 2015). O que se espera do comportamento das meninas e dos meninos são construções históricas e sociais que, seguindo essa mesma lógica, podem, também, ser desconstruídas.

Meninas e meninos adolescentes experienciam a sexualidade de forma diferente. A vivência da sexualidade é influenciada pelas relações de gênero, ou seja, pelo construto social relativo ao que se espera para o comportamento de cada pessoa, de acordo com o seu sexo biológico (TRONCO; DELL’AGLIO, 2012). Enquanto para os meninos a sexualidade é socialmente estimulada, com incentivo a comportamentos mais liberais e permissivos, para as meninas cabem posturas mais conservadoras no que diz respeito ao seu corpo (SOUSA *et al.*, 2018). Tais observações são corroboradas pelo fato de que, para elas, a sociedade impõe vínculo entre virgindade e casamento, atribuindo-lhes juízo de valor e relegando sua sexualidade à função reprodutiva e biológica. Em contrapartida, para eles, o exercício da sexualidade está associado à virilidade e à masculinidade, qualificações aceitas no convívio familiar e social (CASTRO; ARAÚJO; PITANGUI, 2017).

### **3.3 O cuidado de si**

Na adolescência, meninos e meninas são protagonistas ativos das decisões sobre o próprio corpo e sobre a própria vida, de forma individual e coletiva (CONNELL, 2016). Essas decisões, no entanto, são atravessadas pela disciplina e pelo controle dos corpos, delimitando os espaços de discussão e de vivência da sexualidade e das relações de gênero. Nesse sentido, é necessário criar formas de suprir a crescente demanda pelo exercício de autonomia durante a adolescência.

A tecnologia pode ser uma aliada nesse processo, razão pela qual o jogo *online* *Papo Reto* foi utilizado como meio de suscitar reflexões de forma inventiva, sem a interferência de atores que representem qualquer espécie de instituição de poder. Para que fosse possível realizar uma análise condizente com os argumentos aqui apresentados, foi utilizada a teoria do cuidado de si, de Foucault (2019a).



O termo “cuidado de si” foi utilizado na década de 1980, por Michel Foucault (1926-1984), filósofo francês que produziu uma série de trabalhos acerca dos sistemas prisional e psiquiátrico do seu país. Os estudos sobre o cuidado de si compuseram as últimas obras publicadas por Foucault. O autor resgatou as conotações relacionadas aos pressupostos filosóficos de diferentes épocas, as quais transformaram o “cuidado de si” em uma expressão atemporal. Essas conotações foram atribuídas a três momentos históricos, apresentados a seguir.

No primeiro, na cultura grega antiga, no período socrático-platônico, Foucault baseou-se na obra *Alcibíades*, de Platão. Nesse momento, o cuidado de si significou ocupar-se e se preocupar consigo mesmo; foi relacionado ao se conhecer profundamente (conhece-te a ti mesmo – *epiméleia heautú*), ao cuidar de si para cuidar dos outros, para ser capaz, então, de governar as cidades. Tratou-se, portanto, de uma atividade política destinada aos jovens da elite da época (FOUCAULT, 2019a; MENDES; GLEYSE, 2015). Esse primeiro momento histórico foi permeado por saberes filosóficos e médicos associados às práticas ligadas à espiritualidade, praticadas em si mesmo para consigo mesmo, como rituais de purificação, práticas de resistência, entre outros (GOMES; FERRERI; LEMOS, 2018).

Na cultura grega, o ser humano foi definido como aquele a quem foi confiado o cuidado de si. Zeus teria possibilitado aos indivíduos o dever de se ocupar consigo mesmo, de forma livre e racional (FOUCAULT, 2019a). Foi concedido como um privilégio-dever, um dom-obrigação, por meio do qual se teria a liberdade assegurada, desde que se tomasse a si próprio como objeto de aplicação desse cuidado (FOUCAULT, 2019a). Ainda segundo Foucault (2019a, p. 61-62), “é na medida em que são livres e racionais – e livres de serem racionais – que as pessoas são na natureza os seres que foram encarregados do cuidado de si próprias.”

A “idade de ouro” foi o segundo momento histórico do cuidado de si, o qual abrangeu a cultura helenística-romana. Foucault recorreu à história da filosofia e a filósofos como Sêneca e Marco Aurélio, que buscavam compreender, por meio de doutrinas filosóficas antigas, as ações que interligavam o cuidado de si ao cuidado com a própria alma, à atividade de filosofar e à busca da felicidade (GOMES; FERRERI; LEMOS, 2018).

Diferentemente do primeiro momento, que restringia o cuidado de si aos jovens da elite grega, o segundo disseminou o cuidado de si para todos os indivíduos e em todas as etapas da vida, independentemente do status social. O cuidado de si deixou de representar uma prática vinculada à gestão das cidades e passou a ser centrado na pessoa (FOUCAULT, 2006; MENDES; GLEYSE, 2015). Essa relação centrada em si mesmo é o objetivo final de

todas as práticas de si e culmina no domínio de si, pois nada limita nem ameaça o poder exercido sobre si mesmo (FOUCAULT, 2019b).

O terceiro momento diz respeito ao entendimento do cuidado de si a partir das concepções e das escrituras cristãs. Esse momento relacionou-se com a renúncia de si e dos prazeres terrestres e com o sacrifício de si em função da obediência a um sistema de regras definido pela confissão cristã (FOUCAULT, 2006). Os saberes perderam o enfoque filosófico e médico e passaram a ser permeados pelos saberes e pelas escrituras religiosas (FOUCAULT, 2006; MENDES; GLEYSE, 2015). Segundo Bolsoni (2012), no terceiro momento, o cuidado de si devotou-se à alma: o corpo era considerado vulnerável ao pecado e objeto causador do sofrimento da alma (BOLSONI, 2012).

O conceito de cuidado de si, como visto, sofreu transformações por influência dos contextos históricos. Porém, é importante ressaltar que Foucault considerou o significado dessa expressão a partir do momento helenístico-romano, entendendo-o como o ponto alto do cuidado de si. Na filosofia antiga, o cuidado de si é um labor, um cuidado ético-moral, um dever e uma técnica ou tecnologia. É composto por um conjunto de ocupações e procedimentos elaborados que visam não somente a prestar atenção em si mesmo, evitar erros e perigos ou, ainda, se proteger, mas também a dominar práticas complexas que convertam o olhar do mundo externo e dos outros para si mesmo (FOUCAULT, 2006).

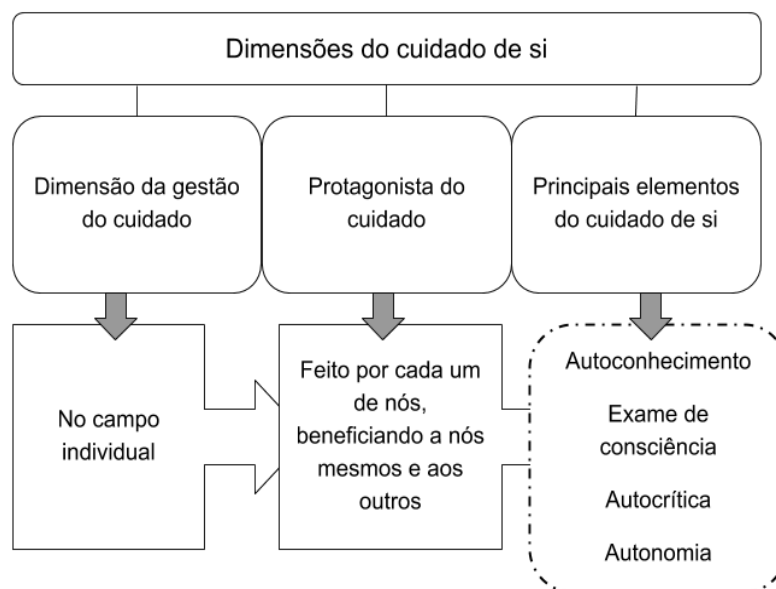
Nesse sentido, o cuidado de si é uma atitude consigo mesmo, com os outros e com o mundo. É uma ação ligada ao exercício da política, ou seja, refere-se ao modo como a pessoa encara as coisas, o modo de estar no mundo e de se relacionar com as outras pessoas. A prática do cuidado de si é um direito, mas também é um dever e se manifesta na forma da gratidão (FOUCAULT, 2019a).

Partindo de uma perspectiva ética, o cuidado de si representa a busca de uma pessoa pela governabilidade sobre si, tendo como alicerce o pleno conhecimento sobre si mesmo, a ocupação e a preocupação consigo. A pessoa pode, assim, exercitar reflexivamente a liberdade e a autonomia para fazer escolhas, com vistas à redução dos espaços de sujeição aos outros e às vontades dos outros (FOUCAULT, 2006). Em seu sentido mais amplo, segundo Silva (2015), a autonomia corresponde a uma capacidade de tomada de decisões de modo independente, tendo por referência apenas a reflexão autocrítica que o indivíduo faz acerca dos custos e dos benefícios que se relacionam com as diversas possibilidades de ação, diante de determinadas situações que se apresentam ao longo da vida (FLEURY-TEIXEIRA; MENEGHEL, 2015).

Dessa forma, o cuidado de si, antes de tudo, deve começar pela necessidade de uma autocrítica, pelo exame de consciência e pela necessidade de uma autoética, que perpassam pela estética de si (AMORIM, 2013). É importante ressaltar que a estética de si, pensada por Foucault, nada tem a ver com a cultura exagerada dos corpos ou com a beleza física. A estética de si relaciona-se com a percepção sensível e responsável de si como uma obra de arte, ou seja, com a beleza da nossa morada interior, com uma vida bela (AMORIM, 2013). Assim, nossa morada interior deve ser cuidada, melhorada, trabalhada e retrabalhada, feita e refeita, com disposição, sensibilidade, criatividade e o entendimento de que se trata de um exercício individual contínuo (AMORIM, 2013).

Cecílio (2011) refere que, por estar na dimensão individual, o cuidado de si aponta que cada um de nós tem a possibilidade de produzir, de forma singular, um modo de seguir vivendo e fazendo escolhas na tentativa de escapar das imposições sociais mais amplas. Isso se traduz, em maior ou menor medida, em graus variados de autonomia, de processos de cuidar de si, de viver a vida de forma mais plena (CECÍLIO, 2011). A Figura 2 ilustra as dimensões do cuidado de si.

**Figura 2 – Dimensões do cuidado de si**



**Fonte:** Elaborado pela autora, adaptado de Cecílio (2011).

Para o exercício filosófico do cuidado de si, ou seja, para que as pessoas desenvolvam conhecimentos para entenderem a si próprias, Foucault aponta que são necessárias as “técnicas ou tecnologias de si”, as quais consistem em um conjunto de procedimentos cujo

objetivo é fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la, em função de determinados fins, a partir das relações de domínio ou de conhecimentos de si por si mesmo (FOUCAULT, 2006).

Tecnologias de si, que permitem aos indivíduos efetuar, com seus próprios meios ou com a ajuda dos outros, um certo número de operações sobre seus próprios corpos, almas, pensamentos, condutas, seu modo de ser; de se transformarem a fim de alcançar certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade. (FOUCAULT, 2006, p. 323).

Ingrasiotano e Fontoura (2015) apontam que a prática do cuidado de si, de forma livre, possibilita que a pessoa tenha condições de superar as imposições e a submissão ao que está posto, visto que a reflexão autônoma e livre permite o discernimento daquilo que é bom ou ruim para a sua felicidade (INGRASIOTANO; FONTOURA, 2015). Ou seja, permite a reflexão daquilo que depende de si mesmo para viver uma vida bela e plena. Para a prática do cuidado de si, é preciso tempo e esse tempo não é vazio; é composto por exercícios, tarefas e diversas outras atividades (FOUCAULT, 2019a).

Ocupar-se de si não é uma sinecura<sup>1</sup>. Existem cuidados com o corpo, os regimes de saúde, os exercícios físicos sem excesso, a satisfação, tão medida quanto possível, das necessidades. Existem as meditações, as leituras, as anotações que se tomam sobre livros ou conversações ouvidas, e que mais tarde serão relidas, a rememoração das verdades que já se sabe, mas que convém apropriar-se ainda melhor. [...] Existem também as conversas com um confidente, com amigos, com um guia ou diretor; às quais se acrescenta a correspondência onde se expõe o estado da própria alma, são solicitados conselhos, ou eles são fornecidos a quem deles necessita – o que, aliás, constitui um exercício benéfico até para aquele que os reatualiza para si próprio: em torno dos cuidados consigo toda uma atividade de palavra e de escrita se desenvolveu, na qual se ligam o trabalho de si para consigo e a comunicação com outrem. (FOUCAULT, 2019a, p. 66).

Trata-se de uma conexão entre práticas de cuidado de si não lineares, que partem de individualidades e realidades igualmente não lineares, sem significar a submissão de uma prática à outra (BERNARDES, 2012). O cuidado de si é, antes de tudo, uma negociação com a realidade vivenciada por cada uma/um, a fim de alcançar, por meio de uma estratégia ou de práticas de cuidado, a resolução de uma situação conflituosa, além de se proteger, se conhecer, se cuidar, ser feliz, chegar à plenitude. Aquele que pratica o cuidado de si mostra-se capaz de problematizar a existência de tal maneira que consegue inventar-se e transformar a si mesma/o, fazendo da vida uma obra de arte (FOUCAULT, 2006; INGRASIOTANO; FONTOURA, 2015).

---

<sup>1</sup> Trabalho que não exige esforço ou dificuldade de quem o pratica.

Dentro da teoria do cuidado de si, Foucault trata de temas especificamente relativos à sexualidade principalmente em suas últimas obras. As estratégias de cuidado de si estabelecidas para a vivência da realidade, abordadas nesses temas, perpassam, invariavelmente, a linearidade individual. O autor salienta que, apesar de ocorrer no campo íntimo a partir de ações de modificação de si próprio, o cuidado de si materializa-se por meio das relações sociais. Isso significa que a prática do cuidado de si não possui caráter solitário; constitui-se como uma verdadeira prática social (FOUCAULT, 2019a).

O cuidado de si – ou os cuidados que se tem com o cuidado que os outros devem ter consigo mesmos – aparece então como uma intensificação das relações sociais. [...] O cuidado de si aparece, portanto, intrinsecamente ligado a “um serviço de alma” que comporta a possibilidade de um jogo de trocas com o outro e de um sistema de obrigações recíprocas. (FOUCAULT, 2019a, p. 69-70).

Outro ponto importante levantado por Foucault é a concepção de que o desenvolvimento do cuidado de si mantinha estreita relação com a transição cronológica, sendo considerado um momento necessário à formação do jovem em busca da maturidade (FOUCAULT, 2006). A juventude passou a ser considerada uma fase decisiva para o exercício do cuidado de si como uma prática pedagógica, pois constitui um processo de preparação para que a velhice seja vivenciada com plenitude (COUTO; MEYER, 2011; FOUCAULT, 2006). Dessa forma, o cuidado de si constitui evento coextensivo à vida (FOUCAULT, 2006).

Essa atividade de ter cuidados com a própria alma deve ser praticada em todos os momentos da vida, quando se é jovem e quando se é velho. Entretanto, com duas funções diferentes: quando se é jovem trata-se de preparar-se [...] para a vida, armar-se, equipar-se para a existência; e no caso da velhice, filosofar é rejuvenescer, isto é, voltar no tempo ou, pelo menos, desprender-se dele, e isso graças a uma atividade de memorização que, para os epicuristas, é a rememoração dos momentos passados. (FOUCAULT, 2006, p. 108-109).

Seguindo por esse caminho, o cuidado de si, para Foucault, não é um acontecimento registrado em apenas uma época da vida humana. Ele perpassa toda a existência, é válido para todas/os, o tempo todo, a vida inteira, sendo fator fundamental para o alcance da maturidade na idade adulta (FOUCAULT, 2019a). Apesar de representar uma fase crítica e problemática em diversas culturas, na adolescência pode-se observar o distanciamento entre a/o aprendiz (adolescente) e o pedagogo de referência (pais), representando o momento de ingresso da/o adolescente na vida (FOUCAULT, 2006). Portanto, a prática permanente do cuidado de si faz-se necessária principalmente nessa época da vida. Ter cuidado com a própria alma e

buscar a felicidade são práticas para o alcance do cuidado de si, devendo ser observadas em todas as fases da vida (FOUCAULT, 2006).

Nunca é demasiado cedo nem demasiado tarde para ocupar-se com a própria alma. Já dizia Epicuro: “Aquele que diz que o tempo de filosofar ainda não chegou, ou que já passou, é semelhante àquele que diz que o tempo da felicidade ainda não chegou ou que não mais chegará. De sorte que devem filosofar o jovem e o velho, este para que, ao envelhecer, seja jovem em bens pela gratidão ao que foi, e o outro para que, jovem, seja ao mesmo tempo ancião pela ausência de temor do futuro.” (FOUCAULT, 2019a, p. 63).

Foucault ainda aponta o caráter formador e corretor da prática do cuidado de si. Formador diz respeito essencialmente à preparação do indivíduo para entrar na vida. Nesse caso, o cuidado de si figura como uma armadura, um mecanismo de segurança diante dos diversos acidentes, dos infortúnios ou de qualquer acontecimento da vida. Essa formação nada tem a ver com o desempenho de uma profissão. Trata-se de fortalecer a si mesmo para suportar todos os reveses que possam atingi-lo (FOUCAULT, 2006). Em contrapartida, o cuidado de si é um mecanismo corretor, uma vez que, ao praticá-lo, principalmente na adolescência, aprende-se o que se ignora e se reaprende, corrigindo erros que ainda não estão arraigados (FOUCAULT, 2006). Portanto, a adolescência pode ser considerada uma fase crucial para o cuidado de si, pois é principalmente nessa fase da vida que ocorre o despertar e o exercício da função crítica como prática do cuidado de si.

A prática de si impõe-se sobre o fundo de erros, de maus hábitos, de deformação e de dependências estabelecidas e incrustadas, e que se trata de abalar. Correção-liberação, bem mais que formação-saber: é neste eixo que se desenvolverá a prática de si, o que, evidentemente, é fundamental. [...] Na prática de nós mesmos, devemos trabalhar para expulsar, expurgar, dominar este mal que nos é interior, nos libertar e nos desembaraçar dele. E acrescenta: certamente é muito mais fácil corrigir-se se assume este mal no período em que se ainda é jovem e tenro e o mal ainda não está incrustado. De todo modo, como vemos, mesmo quando concebida como uma prática da juventude, a prática de si deve corrigir, não formar, ou apenas formar: deve também, e principalmente, corrigir, corrigir um mal que já está lá. (FOUCAULT, 2006, p. 116).

No entanto, o cuidado de si só é possível por meio de um espaço coletivo. Nesse caso, paga-se um preço pelo exercício do cuidado de si. Essa prática que constitui uma ética de si envolve uma verdade, um dizer verdadeiro (*pharresia*). Essa verdade pode ser permeada por normas e leis que orientam as condutas e denotam um viver coletivo racional. As verdades sofrem influência histórica e são, em certa medida, contingentes (DIAS, 2017).

[...] não é possível cuidar de si sem se conhecer. O cuidado de si é certamente o conhecimento de si, mas é também o conhecimento de um certo número de regras de conduta ou de princípios que são simultaneamente verdades e prescrições. Cuidar de si é se munir dessas verdades: nesse caso a ética se liga ao jogo da verdade. (FOUCAULT, 2006, p. 269).

Ao propor a discussão sobre verdades e prescrições, é necessário citar as temáticas relativas ao poder, às suas formas de materialização e às suas relações com a expressão da sexualidade. A intenção deste trabalho não é esgotar os temas, dada sua complexidade e sua profundidade, mas elucidar, brevemente, alguns conceitos que estão intimamente ligados à prática do cuidado de si e à análise a que este trabalho se propõe.

Para Foucault, a análise da formação de um determinado conhecimento sobre o sexo e a sexualidade não pode ser associada à repressão ou à forma da lei. Dessa forma, o poder não está associado à visão jurídica, que o entende como a materialização da soberania exercida na figura do Estado, dos reis ou de divindades, ou seja, por meio da submissão de um em relação ao outro. É, antes de tudo, uma prática social que constitui o sujeito, que suscita formas de resistência às relações de poder do indivíduo sobre ele próprio e sobre os outros (FOUCAULT, 2018).

É importante, contudo, esclarecer o sentido de “poder” nesse contexto. O próprio Foucault trata de elucidar a diferença:

[...] Dizendo poder, não quero significar “o Poder”, como conjunto de instituições e aparelhos garantidores da sujeição dos cidadãos em um Estado determinado. [...] Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de forças imanescentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de uma organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes, as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações-forças encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas, ou ao contrário, as defasagens que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais. (FOUCAULT, 2018, p. 100-101).

Partindo dessa distinção a respeito do significado do poder na teoria de Foucault, é importante compreender suas diversas formas de manifestação. Na concepção foucaultiana, todos os tipos de poder sustentam-se por meio do controle e do domínio dos corpos (FOUCAULT, 2013). As formas diferentes pelas quais o poder manifesta-se têm por objetivo disciplinar, tornar os corpos dóceis, ou seja, um corpo que pode ser submetido, utilizado, moldado, transformado, aperfeiçoado (FOUCAULT, 2013). Completa o filósofo:

[...] em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. Muitas coisas,

entretanto, são novas nessas técnicas. A escala, em primeiro lugar, do controle: não se trata de cuidar do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica - movimentos, gestos atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo. O objeto, em seguida, do controle: não, ou não mais, os elementos significativos do comportamento ou a linguagem do corpo, mas a economia, a eficácia dos movimentos, sua organização interna; a coação se faz mais sobre as forças que sobre os sinais; a única cerimônia que realmente importa é a do exercício. A modalidade enfim: implica numa coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos. Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas.” (FOUCAULT, 2013. p. 164-165).

O poder disciplinar dos corpos incide diretamente na sexualidade, como visto por Foucault (2019b). Retomando a linha de raciocínio que originou a conexão desses conceitos, entende-se que as estratégias de cuidado propostas pelas/os adolescentes podem se revelar como formas de resistência ao poder instituído. O próprio conceito de cuidado de si significa promover pequenas revoluções no cotidiano, de forma que o direito à autonomia e à autopreservação permaneça constituindo a identidade da/o adolescente, preparando-a/o para as etapas subsequentes do seu desenvolvimento.



## 4 MÉTODO

### 4.1 Tipo de estudo

Estudo de abordagem qualitativa, desenvolvido a partir da aplicação do Jogo *online* Papo Reto, para a abordagem dos temas sexualidade e relações de gênero. O jogo constituiu um dos produtos pós-doutoral de uma docente do Departamento de Enfermagem Materno Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, realizado na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

### 4.2 Cenário

A pesquisa foi aplicada em três escolas públicas brasileiras de ensino médio. A primeira delas, localizada na cidade de São Paulo, fez parte do projeto piloto, realizado em 2014. Posteriormente, o jogo foi aplicado, entre 2015 e 2018, em escolas localizadas em Sabará e Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais.

Embora o jogo tenha sido desenvolvido com o objetivo de ser disponibilizado para um elevado número de escolas públicas, alguns entraves tornaram sua aplicação difícil e restrita. Foram necessários muitos ajustes operacionais no sistema da plataforma do jogo, inviabilizando sua disponibilização por longos períodos. Outra limitação esteve relacionada à falta de infraestrutura física e tecnológica de várias escolas, considerando a necessidade de se dispor de um laboratório com computadores e acesso à internet para a aplicação do jogo para grupos de estudantes. Também houve o receio de instituições de ensino em relação à autorização para a aplicação do mesmo, considerando a diversidade dos temas abordados e que perpassam as relações de gênero e de sexualidade, bem como o propósito de autonomia e liberdade de expressão possibilitada às/aos adolescentes no jogo.

Nas escolas participantes, que manifestaram abertura à proposta e que dispunham das condições necessárias, o jogo foi oferecido a todas/os as/os estudantes do ensino médio interessadas/os, sendo elas/es da faixa etária de 15 a 19 anos. Para isso, foi criado um mapa de divisão das/os alunas/os por turnos e horários, estando as pesquisadoras presentes durante todo o processo para sanar dúvidas e dificuldades de acesso à plataforma. Ressalta-se que, embora o jogo tenha sido aplicado como atividade de ensino durante o período de aula, o seu acesso era estendido a quaisquer outros locais e horários, de acordo com o interesse da/o adolescente em explorá-lo além dos limites do ambiente escolar.

### **4.3 Participantes**

Fizeram parte deste estudo adolescentes regularmente matriculados nos 1º, 2º e 3º anos do ensino médio das escolas públicas acima caracterizadas. O convite às/aos estudantes deu-se por meio de visitas da equipe de pesquisadoras e de bolsistas de iniciação científica, as quais fizeram, em sala de aula, uma breve exposição do jogo e da proposta, seguida da entrega dos Termos de Assentimento e de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICES A, B e C) às/aos interessados. Os Termos deveriam ser entregues assinados à coordenação pedagógica da escola ou às pesquisadoras nos dias estabelecido para a aplicação do jogo.

Os critérios de inclusão foram: ser adolescente estudante do ensino médio de escolas públicas; ter interesse e disponibilidade para o jogo; entregar o Termo de Assentimento e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinados previamente à aplicação do jogo. O critério de exclusão foi o não cumprimento de quaisquer dos quesitos de inclusão.

Todas/os as/os participantes inseridas/os nos critérios de inclusão foram cadastradas/os na plataforma do jogo e receberam o convite de acesso via e-mail. Aquelas/es que não tinham e-mail foram auxiliadas/os pelo grupo de pesquisa a fazê-lo.

### **4.4 Coleta de dados**

A coleta de dados deu-se a partir dos relatórios gerados no espaço administrativo da plataforma do jogo, ao qual apenas as pesquisadoras possuem acesso. Esse espaço possibilita o ingresso ao cadastro inicial realizado pelas/os jogadoras/es, bem como às respostas às situações-problema e aos comentários das interações pelos pares. Também é possível acompanhar a pontuação das/os jogadoras/es, os prêmios, as medalhas, as demais informações e os acessos realizados às abas de apoio que compõem o jogo.

### **4.5 Jogo *online* Papo Reto**

O projeto de criação do Papo Reto teve sua origem no 2º semestre de 2012 e sua primeira versão foi concluída no fim de 2014. O Jogo Papo Reto representa uma Cidade composta por cinco cenários: Casa, Escola, Internet, Balada e Rua, que são desbloqueados progressivamente nessa ordem, com a abertura de um cadeado, à medida que os jogadores vão acumulando pontos. A casa, único cenário sem cadeado, dá início ao jogo (Figura 3).

**Figura 3 – Tela inicial do Jogo *online* Papo Reto, com os cinco cenários**



**Fonte: Jogo *online* Papo Reto.**

O jogo é composto por 149 situações-problema, apresentadas no formato de questões abertas e fechadas, com a abordagem de temas pertinentes a cada um dos cinco cenários, incluindo os mais corriqueiros àqueles de mais difícil abordagem, até mesmo entre amigas/os. As situações-problema foram, em grande parte, extraídas de fatos vivenciados e relatados por adolescentes. A fase investigativa para a elaboração das questões contou, ainda, com as vivências de profissionais de instituições de ensino e de saúde, de familiares e amigas/os que convivem com adolescentes. Foram utilizados outros recursos, como internet, programas de televisão e livros direcionados ao perfil adolescente, para buscar uma abordagem de temas ampliada e evolutiva em termos de complexidade e profundidade. No jogo também existe a possibilidade de a/o jogadora/r postar suas próprias situações ao conquistar o *status* de Colaborador, via pontuação, em cada cenário. Isso permite a amplitude de temas e de formas de abordagem, além de dar mais ludicidade e protagonismo às/aos adolescentes.

Após receberem o convite via e-mail, as/os jogadoras/es cadastraram-se na plataforma *online*. Uma das primeiras atividades do jogo é a escolha de um apelido e de um *avatar*, que garantem às/aos adolescentes o anonimato e a liberdade para ser quem quiserem, podendo jogar como menino, menina, um andrógino ou uma alma sem gênero definido. A/o jogadora/r pode, ainda, alterar seu codinome e *avatar* quando desejar. Dessa forma, as/os participantes

podem se projetar nas respostas, aproximando suas realidades, suas experiências e suas expectativas às situações-problema apresentadas no jogo. O *avatar*, como mostra a Figura 4, é a materialização do corpo no espaço virtual.

A potencialidade do jogo reside na vivência da projeção de si em diversas realidades simuladas, provocativas e mobilizadoras, na qual é possível colocar-se em um “outro eu”, livre para se inventar, descobrir e redescobrir formas de lidar com a sexualidade (SOUZA *et al.*, 2017).

**Figura 4 – Escolha do *avatar***



**Fonte: Jogo online Papo Reto.**

Para seguir no jogo e desbloquear os cenários, a/o participante tem a opção de responder à situação-problema em tela ou passar para a próxima situação, sem a obrigatoriedade da resposta. As situações são compostas no formato de alternativas com respostas abertas e também fechadas. As interações entre pares ocorrem por meio de comentários, curtidas ou não curtidas às respostas das/os demais jogadoras/es. A cada resposta e qualquer forma de interação com os pares são computados pontos para a/o jogadora/r, que ainda tem a possibilidade de cumprir missões, como comentar ou curtir um determinado número de questões e, assim, receber recompensas para elevar sua pontuação. Na aba Ranking de Pontuação, a pontuação é consultada sendo também exibido o *avatar* e o codinomes das/os 10 jogadoras/es mais pontuadas/os.

O jogo também disponibiliza duas abas de apoio a/o jogadora/r, uma delas denominada de SACA, com informações, dicas e aprofundamento de alguns temas que podem ser alimentados continuamente pela equipe de pesquisa. Na outra aba, “Onde buscar ajuda?”, existem orientações e disponibilização de endereços e contato telefônico de serviços de saúde, conselhos tutelares e assistência social e policial, para os casos de demandas específicas nessa área.

O objetivo geral do jogo, do ponto de vista da pesquisa, foi o de promover a interação entre as/os adolescentes, proporcionando um espaço livre para reflexão, pensamento crítico e posicionamento sobre temas comuns ao cotidiano e ao ambiente no qual as/os adolescentes estão inseridas/os.

#### **4.6 Produção e análise dos dados**

As respostas discursivas das/os adolescentes foram tratadas sob a perspectiva da análise de conteúdo, proposta por Bardin (BARDIN, 2011). Por meio dessa técnica, é possível analisar e descrever os sentidos e os significados contidos nas mensagens. Para tanto, foram seguidas as três fases, propostas por Bardin: a pré-análise dos dados, a exploração do material e o tratamento dos resultados. Cada fase, subdividida em quatro etapas, levou ao recorte e à codificação dos dados na pré-análise; à delimitação das categorias na fase de exploração do material; e, por fim, à descrição das interpretações no tratamento dos dados, com a inferência das mensagens.

Na pré-análise, os dados foram sistematicamente organizados na íntegra das respostas e dos comentários das/os adolescentes às situações-problema. Essa primeira fase incluiu a leitura flutuante das respostas, representando o primeiro contato da pesquisadora com os dados obtidos, e a definição do corpus de análise. Para a execução da primeira fase, foram seguidas rigorosamente as regras de exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência, sugeridas por Bardin. Houve variação no número de respostas e de participantes para cada uma das situações-problema que compuseram o corpus do estudo. Essa observação justifica-se pela liberdade das/os adolescentes em responder ou não às situações-problema na ordem em que elas aparecem no jogo ou passar para a questão seguinte.

Na fase de exploração do material, estabeleceu-se a construção das unidades de codificações por meio dos recortes das unidades de registro. O agrupamento desses recortes foi extraído das respostas de maior interação entre as/os adolescentes às situações-problema, levando ao estabelecimento de quatro categorias, de acordo com as estratégias de cuidado

propostas pelas/os jogadoras/es para as situações em que seus discursos mostraram-se associados a:

1 – Conflito e violência nas relações de intimidade: incluindo situações/respostas/interações associadas a relacionamentos fixos ou casuais;

2 – Relações violentas ou abusivas perpetradas por terceiros: incluindo situações/respostas/interações associadas a relações ocorridas nos ambientes domésticos e públicos;

3 – Relação com o corpo: incluindo situações/respostas/interações envolvendo características corporais, de vestimenta e relação com o corpo;

4 – Exercício da sexualidade: incluindo situações/respostas/interações associadas a aspectos concernentes ao exercício da sexualidade, com abordagem sobre iniciação sexual, homoafetividade, formas e práticas sexuais.

Na fase de tratamento, inferência e interpretação dos dados, procedeu-se à análise profunda das respostas por categorias. Buscou-se a interpretação dos resultados para além das narrativas, identificando as estratégias de cuidado e os sentidos atribuídos a cada uma delas, segundo as perspectivas de vida e os modos de agir e de reagir das/os adolescentes diante das situações-problema apresentadas no jogo.

#### **4.7 Aspectos éticos**

O estudo foi ancorado nos preceitos éticos da Resolução 510/2016, que versa sobre a participação de seres humanos em pesquisas e foi iniciado após a aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (COEP/UFMG) – CAAE: 01850612.0.0000.5149.

As informações coletadas estão mantidas no espaço administrativo da plataforma do Jogo, sob a responsabilidade e o acesso exclusivo das pesquisadoras. Está prevista a socialização dos resultados deste estudo nas instituições de ensino participantes.

## 5 RESULTADOS

Os resultados deste estudo estão descritos a partir das quatro categorias elencadas na etapa exploratória dos resultados. Tais resultados referem-se ao total de respostas e de interações de 197 adolescentes, matriculadas/os no 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio de escolas da rede pública das cidades de São Paulo (capital), Belo Horizonte e Sabará (Minas Gerais), sendo 98 garotas e 99 garotos. A partir das narrativas, face à simulação da realidade, foram identificadas as estratégias propostas no jogo, analisadas sob o olhar da teoria Foucaultiana do cuidado de si.

### 5.1 Conflito e violência nas relações de intimidade

Nesta categoria, as estratégias de cuidado mostraram-se mais direcionadas para a lógica da esfera privada, isto é, mais restrita ao casal. Percebe-se a negociação com a realidade vivenciada por cada uma/um, dimensão do cuidado de si, por meio de conversa com a/o parceira/o; sugestões à/ao agressora/r para o controle da agressividade; alternativas para se evitar situações desencadeadoras de conflito ou de violência da/o parceira/o; revide à agressão; término do relacionamento; e ameaça, não concretizada, de se chamar a polícia. Em algumas estratégias em que foi explicitada a procura pela intervenção de terceiros – polícia, profissionais médicos ou psicólogos, mãe ou pai – o enfoque esteve restrito à interrupção da situação considerada conflituosa ou violenta em si, não se estendendo para uma demanda voltada ao relacionamento do casal.

Os conflitos entre parceiras/os íntimas/os levaram a estratégias de exclusão ou de limitação de outras/os atrizes/atores, fazendo com que tais situações fossem consideradas como de fórum íntimo e particular e, assim, tratadas em seu espaço privado.

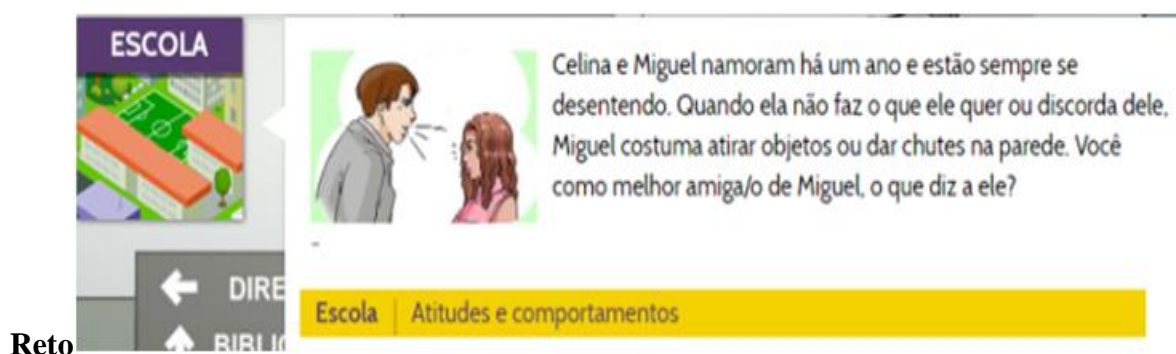
As estratégias de cuidado propostas revelaram o governo de si e o domínio de si das/os adolescentes, na medida em que buscaram se instituir como sujeitos autônomos, com soberania e independência para a tomada de decisões acerca de seus relacionamentos. As estratégias denotaram a capacidade de se fazer uso da própria liberdade de escolha e da autonomia para tomar decisões, visando delimitar o rumo de seus relacionamentos. A autonomia sobre si mesma/o esteve diretamente relacionada com as regras que são autoimpostas, as quais necessitam de uma atitude crítica prévia sobre a maneira pela qual os indivíduos são constituídos.

Ao mesmo tempo em que os resultados apontaram para o cuidado no campo individual e autônomo, evidenciando a possibilidade de uma produção singular de estratégias, as



questões de gênero foram sinalizadas como estruturantes dos pensamentos e das ações nas proposições de estratégias de cuidado entre garotos e garotas. Esteve presente o caráter formador e corretor da prática do cuidado de si. As estratégias propostas pelos meninos figuraram-se mais como corretoras, enquanto as das garotas foram marcadas por um discurso mais formativo, conciliatório e com alternativas que poderiam contribuir para a melhoria do relacionamento considerado conflituoso ou violento. Tais aspectos podem ser observados nas respostas à situação-problema apresentada a seguir (Figura 5):

**Figura 5 – Situação-problema apresentada no Jogo Papo**



**Reto**

**Fonte: Jogo Papo Reto.**

Ter mais calma e conversar com ela sem se irritar. (♀, 16 anos)

Para com isso, garoto! Ou eu vou ter que chamar a polícia para você se você continuar. (♂, 15 anos)

Diria para ela terminar o namoro, pois para ele começar a agredir ela é de um passo pro outro. (♂, 15 anos)

Eu falava com ela para terminar e bola pra frente. (♂, 18 anos)

Chama também a atenção, na situação acima referida e em outras no jogo, a tendência dos meninos em direcionarem suas falas/estratégias para as meninas, na expectativa que elas tomem a decisão nas situações de conflito ou violência no relacionamento. Na situação acima, por exemplo, muitos foram os indicativos para a menina tomasse a decisão pelo término do relacionamento, ainda que o questionamento no jogo tenha sido direcionado para um posicionamento diante da atitude de Miguel e não da menina.

Em relação ao conjunto das estratégias apresentadas nesta categoria, a conversa entre parceiras/os foi a de maior destaque tanto para meninas quanto para meninos, ainda que assinalada por diferenças de gênero:

Para ter mais calma, que desse jeito nada vai ajudar os dois a se entenderem. Que a conversa que é a melhor opção. (♀, 18 anos)



Calma ai Miguel! procure conversar melhor com a Celina e entender o lado dela, ela não é seu cachorrinho nem seu objeto! (♀, 16 anos)

Cara tá errado isso vcs precisam conversar, se não desse jeito vc vai acabar machucado. (♂, 17 anos)

Para além da conversa, foi ainda estabelecida como estratégia de cuidado a compreensão da existência de um processo de aprendizagem em curso (novamente o caráter formador), característico entre as meninas, explicitando a necessidade de se buscar alternativas para aprender a lidar com a raiva e parar com o comportamento agressivo. Foram também apontadas estratégias para o controle da agressividade, por meio da prática de atividades físicas e da procura por um acompanhamento profissional, estratégias de cuidado apresentadas mais frequentemente nas respostas das meninas:

(...) Ele tem que aprender a lidar com a raiva que um dia isso pode prejudicar ele. (♀, 16 anos)

Digo a ele que isso só está prejudicando ele e o relacionamento deles, e se ele não quer perder ela, é melhor começar a fazer uns exercícios para ficar mais calmo. (♀, 16 anos)

Procure um profissional para aprender a se controlar e a agir como uma pessoa normal. (♀, 16 anos)

Não assumir comportamentos que motivem ou favoreçam a ocorrência de situações conflituosas ou violentas foi uma estratégia comum às meninas e aos meninos para se evitar agressões. Essa estratégia foi observada em uma situação-problema em que uma garota chamada Sandy, que tem namorado, ao sair com as amigas, conhece um garoto superinteressante, que também se interessa por ela. Diante do questionamento no jogo sobre o que Sandy deveria fazer, as estratégias apresentadas foram prioritariamente para Sandy permanecer fiel. Na fala de um dos meninos, surgiu também a ameaça de Sandy poder “ficar careca”. A prática de se raspar os cabelos de uma mulher costuma ser realizada por pessoas do sexo masculino, geralmente de condições socioeconômicas mais baixas, como forma de penalidade em casos ou sob ameaça de traição. As aberturas para que Sandy pudesse considerar ou optar pelo outro garoto foram raras e exclusivamente de meninas, estando condicionadas ao término do namoro:

Sandy deve sair fora. Se ela ama o namorado dela não tem porque dar ousadia para outro! (♀, 17 anos)

Respeitar seu namorado e não da ideia pro cara. (♀, 17 anos)

Ela não deve fazer nada, ela simplesmente deve saber o seu lugar e não da ideia pra ele. (♀, 16 anos)

Deve dar o fora nele, pois se ela namora não deve dar bola para outros. (♂, 17 anos)

Dá um fora nele! Caso contrário, ficaria careca. (♂, 17 anos)

Se for tão forte assim, pede o contato do cara, termina o namoro e depois marca algo. (♀, 17 anos)

Pensar no que ela quer mais e seguir, se for o novo garoto, terminar com o atual. (♀, 17 anos)

Outras estratégias em respostas às situações consideradas violentas ou abusivas, nesta categoria, incluíram um dizer verdadeiro (*pharresia*), uma tentativa de trazer a verdade permeada por normas e leis que orientam as condutas e denotam um viver coletivo racional. Manifestações de silêncio, revide, rejeição, arrependimento e conciliação foram exemplificadas na seguinte situação-problema (Figura 6):

**Figura 6 – Situação-problema apresentada no Jogo Papo Reto**



**Fonte: Jogo Papo Reto.**

Não discuto com ela, porque isso só ia atrapalhar meu relacionamento. (♂, 18 anos).

Dou logo um tapinha para ele me responder. (♀, 17 anos)

(...) começo a gritar para ver se ele ouve, se não, me irrita e saio (raramente acontece de eu sair, porque amo gritar). (♀, 18 anos)

Grito: FALA GAROTA e depois penso melhor e me desculpo com ela e paro de discutir com ela. (♂, 15 anos)

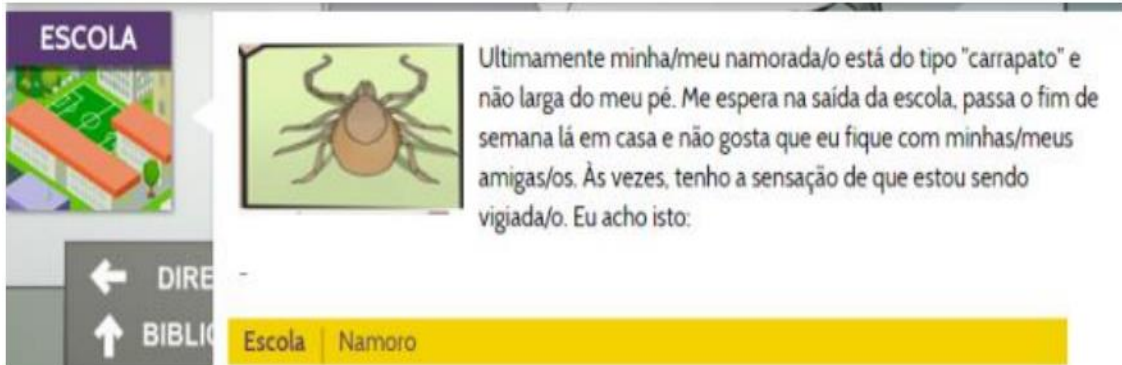
Eu concluo o que quero dizer e tento me acalmar, depois peço desculpas e digo o quanto gosto da pessoa. (♀, 16 anos)

Geralmente em casos assim, se eu estiver muito puta, para não ter mais discussões eu falo "ok, foda-se então" e saio andando, até ela vir falar algo ou nós nos arrumarmos. (♂, 17 anos)

Nas estratégias em que a/os adolescentes sinalizaram com rejeição às situações de conflito ou violência nas relações de intimidade, com o indicativo para o término do relacionamento mostraram-se associadas às situações identificadas como abusivas, de ciúme

excessivo, controladoras ou persecutórias, como se pode verificar no exemplo a seguir (Figura 7):

**Figura 7 – Situação-problema apresentada no Jogo Papo Reto**



**Fonte: Jogo Papo Reto.**

De relacionamento abusivo a gente faz uma coisa chamada correr. (♀, 15 anos)

Cuidar e ser stalker loko são coisas diferentes. (♀, 15 anos).

Meio bizarro ciúmes possessivo. (♀, 15 anos)

Maluco perseguidor não é legal não. (♂, 15 anos)

Em uma simulação em que a mãe/pai e a polícia foram convocadas, a situação no jogo trazia um problema de repercussão social, extrapolando o controle da garota envolvida. Essa estratégia, referente à divulgação de imagens íntimas via internet, está explicitada a seguir (Figura 8):

**Figura 8 – Situação-problema apresentada no Jogo Papo Reto**



**Fonte: Jogo Papo Reto.**

Contar isso para os pais para que eles possam resolver isso de uma forma madura e concreta. (♀, 16 anos)

Denunciar para a polícia e tomar providências judiciais. (♂, 18 anos)

Isso eu não faço ideia, talvez falar com os pais e denunciar. (♀, 18 anos)

No geral, as estratégias apontadas nesta categoria podem ser sintetizadas como singulares e marcadas pela busca por autonomia, soberania e independência para a tomada de decisões, embora apresentem aspectos que limitam as estratégias de cuidado de si às situações violentas ou conflituosas e à responsabilidade do casal, reproduzindo influências sociais nas relações de gênero. Os resultados revelaram que, por mais que as assimetrias entre os gêneros pareçam sedimentadas, principalmente no que se refere ao campo do privado, ao proporem estratégias de cuidado autônomas, as/os adolescentes também promovem pontos de resistência mediante uma atitude que visa a delimitar o rumo de seus relacionamentos.

## **5.2 Relações abusivas perpetradas por terceiros**

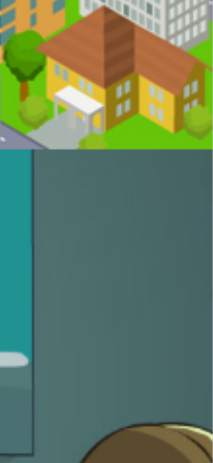
Nesta categoria, foram priorizadas estratégias de cuidado que envolveram um dizer verdadeiro (*pharresia*). Esse dizer verdadeiro é permeado pela autonomia e está diretamente relacionado à liberdade de quem fala, às escolhas, às decisões e às atitudes estabelecidas. Por serem movidas por situações identificadas como ilegais, implicaram publicização, denúncias e a intervenção policial ou judicial. Outras estratégias evidenciaram o cuidado de si como uma prática social e envolveram o compartilhamento da situação com a mãe, as/os amigas/os e por vezes o pai, no intuito de se obter apoio e ajuda. Também ocorreram outras estratégias de aspecto culpabilizatório da pessoa submetida à situação abusiva, por considerá-la como parte envolvida e responsável pelo ocorrido.


As estratégias propostas revelaram o cuidado de si como uma atitude com o mundo, orientadas pela governamentalidade, que passa pelo poder de instituições como o Estado, a polícia e a escola. Nessas instituições, configura-se o reconhecimento de uma ação efetiva capaz de punir, disciplinar e liquidar a situação considerada abusiva.

Nas situações do jogo que compuseram esta categoria, que na leitura das/os adolescentes incluíram desde crimes cibernéticos até a pedofilia, o apelo por uma intervenção externa e de poder instituído surgiu fortemente como uma estratégia que extrapola o governo de si, a autonomia e a soberania da/o adolescente para agir. As estratégias, nesses casos, estiveram direcionadas aos aspectos constituídos e instituídos pela ilegalidade do ato, envolveram soluções via justiça e revelaram um dizer verdadeiro calcado em normas e leis, como as exemplificadas nas duas situações-problemas que se seguem (Figuras 9 e 10):

**Figura 9 – Situação-problema apresentada no Jogo Papo Reto**

CASA





Jey de 10 anos estava passando o fim de semana na casa de sua amiga Lorraine, da mesma idade. Como de costume, as meninas tomavam banho juntas, mas Lorraine havia esquecido a toalha no quarto e quando Jey saiu para pegá-la, viu o namorado da mãe de Lorraine de zipper aberto - manipulando seu pênis. Ao ver a menina ele perguntou sorridente se ela gostava – mostrando seu pênis. Jey muito assustada voltou rapidamente para o banheiro, mas ainda teve tempo de ouvir ele falando que não era para contar nada para Lorraine. Jey ficou com muito medo de contar o que havia acontecido para sua amiga e ele ouvir tudo lá de fora. Se você fosse a Jey o que faria?

Casa | Aconteceu em casa ...

**Fonte: Jogo Papo Reto.**

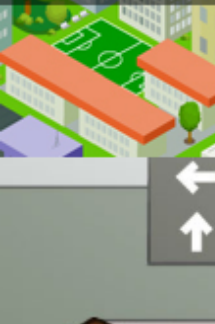
Eu ligava pra polícia, lugar de estuprador e na cadeia cara safado. (♂, 17 anos)


Esperava ele sair, falava para ela, para a mãe dela e chamava a polícia. (♀, 16 anos)

Contaria tudo para sua amiga, tendo o bom senso de contar para mãe dela também, pois é pedofilia e ele poderá ser preso por isso. (♂, 16 anos)

**Figura 10 – Situação-problema apresentada no Jogo Papo Reto**

ESCOLA





Abner e seus amigos estavam bebendo escondidos no banheiro da escola quando foram surpreendidos por dois funcionários. Aproveitando que estavam todos bêbados, os funcionários começaram a chantageá-los para fazerem sexo oral neles ou levariam o caso para a diretoria. Se você fosse o Abner o que faria?

Escola | Aconteceu na escola ...

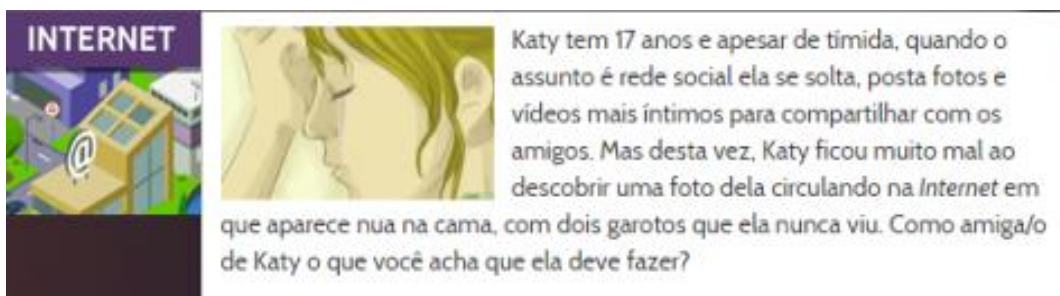
**Fonte: Jogo Papo Reto.**

Chamava a polícia e o conselho tutelar para resolver essa situação. (♂, 18 anos)

Falaria com a direção e esperava a mesma tomar uma atitude sobre a ação do funcionário junto a isso chamaria a polícia. (♀, 16 anos)

Também nesta categoria, as relações assimétricas entre os gêneros figuraram como estruturantes dos pensamentos e das ações, gerando estratégias culpabilizatórias e de controle dos corpos, em especial os das meninas. Um exemplo disso pode ser observado nas respostas à situação-problema que se segue, em que uma garota teve suas imagens divulgadas via internet, o que revelou novamente o caráter corretor como componente do cuidado de si (Figura 11):

**Figura 11 – Situação-problema apresentada no Jogo Papo Reto**



**Fonte: Jogo Papo Reto.**

Denunciar ou algo do tipo e parar de postar fotos do tipo. (♀, 16 anos)

Parar com essas coisas, falar que não deveria nem ter começado. (♂, 17 anos)

A governamentalidade pôde ser observada nesta categoria por meio das estratégias de cuidado que contaram com a atuação das instituições que representam controle, ordem e punição. É justamente essa ideia de ação efetiva que move as/os adolescentes a extrapolarem a esfera íntima e a solicitarem intervenção de quem acreditam estar munido de autoridade para resolver a situação. As instituições as quais as/os adolescentes recorreram são vistas como recursos para garantir não apenas a interrupção daquela situação de violência, mas também para o impedimento, por meio da punição criminal, de que a mesma situação ocorra com outras pessoas.

### 5.3 Relação com o corpo

Nesta categoria, as estratégias de cuidado mostraram-se mais genuínas, revelando grande proximidade com o cotidiano das/os adolescentes. Elas foram aplicadas, de forma bastante espontânea, estando presentes tanto pela via da liberdade para ser e vestir quanto pela via da reprodução de padrões sociais instituídos. As proposições das/os adolescentes incluíram autonomia e direito sobre o corpo; críticas e imposições de limites à exposição do corpo; imposições para a aceitação do corpo tal como ele é; e adequação do corpo a determinados padrões morais, sociais e estéticos.

Foram preponderantes as estratégias de cuidado associadas a um contexto de resistência ao poder instituído, interpeladas pela autonomia, pela liberdade e pela identificação com o próprio corpo, como exemplificado na situação a seguir (Figura 12):

**Figura 12 – Situação-problema apresentada no Jogo Papo Reto**



Andy é uma garota alegre, espontânea, que gosta de usar roupas curtas e decotadas. Na Escola, ela tem fama de *periguete* e vive sendo *zuada* pelas/os colegas. Andy, às vezes, fica aborrecida, mas ao mesmo tempo não acha correto ter de abrir mão do que gosta, para agradar as outras pessoas. Como a/o melhor amiga/o de Andy, o que você diria para ela?

Escola | Atitudes e comportamentos

**Fonte: Jogo Papo Reto.**

Diria que o corpo é dela e que ela usa o que ela bem entender. Ela tem esse direito, ela pode usar a roupa que quiser, pode transar com quem quiser, ela tem que ser o que ela quiser! Perguntaria por que a roupa curta dela incomoda tanto assim? Será que é por que ela tem liberdade sobre o próprio corpo? Ou será que é por que você é animalesco que não consegue segurar seus instintos? Não é só porque ela está de roupa curta que ela está a sua disposição, nem significa que ela queria chamar atenção, ela usa o que ela gosta para si! (♀, 15 anos).

Andy é livre pra vestir como se quiser e ninguém tem nada a ver com isso. Andy vc arrasa continue assim, nao tem mesmo que abrir mão de nada your body your rules. (♀, 15 anos)

Ande do jeito que se sentir confortável, ninguém tem nada haver com o que você veste. (♂, 17 anos)

Você não deve se dobrar para realizar a vontade das outras pessoas, é importante se sentir bem consigo mesma. (♂, 18 anos)



Também foram evidenciadas estratégias de resistência marcadas pela dualidade entre a autonomia sobre o corpo e a manutenção dos padrões sociais instituídos.

Continua a andar com suas roupas, mas tenta esconder os peitos e a bunda, porque temos que ter bom senso do lugar adequado para usar essas roupas. (♂, 15 anos)

Que ela não tem que ligar pra opinião de ninguém, ela sentindo bem é o que importa. Mais roupas muito vulgares também não é legal. (♀, 16 anos)

Estiveram ainda presentes as estratégias de cuidado orientadas pelo biopoder, com o intuito de disciplinar e controlar os corpos para uma melhor aceitação social e adequação às regras institucionais.

Eu diria pra ela parar de por essas roupas curtas demais e andar mais comportada. (♂, 17 anos)

Para ela desconfiar pq né? (♂, 16 anos)

Que ela deveria parar de ser um pouco vulgar pois não precisa disso. (♀, 18 anos)

Nessas estratégias, cujo enfoque foi direcionado à adequação dos corpos aos padrões sociais, foram observadas críticas contundentes de renúncia de si e dos prazeres, em obediência a um sistema de regras em relação à exposição dos corpos, especificamente das meninas. Tais estratégias, também presentes na situação acima explicitada, estiveram fortemente associadas às falas dos meninos, como se observa a seguir:

Que deve tomar vergonha na cara porque sabe que tem essa fama devia usar roupas comportadas e mudar suas atitudes. (♂, 15 anos).

Isso é uma safadeza pra ela e seus amigos. (♂, 18 anos).

Larga de ser piranha. (♂, 17 anos).

Para a gente transar. (♂, 15 anos).

Pra ela se vestir que nem mulher, homem não olha apenas corpo e sim atitude. (♂, 18 anos).

As estratégias voltadas para a adequação aos padrões sociais propostas pelas meninas mostraram-se mais acolhedoras e foram marcadas pelas possibilidades de negociação como sugestão de cuidado, dentro de um evento interpelado por normas que orientam as condutas e o viver coletivo:

Para ela pelo menos dar uma segurada na roupa em alguns lugares, que não são apropriados usar aquela determinada roupa. (♀, 18 anos)

Para ela manera um pouco nas roupas, pois nao é bom para ela ter essa fama. (♀, 17 anos)

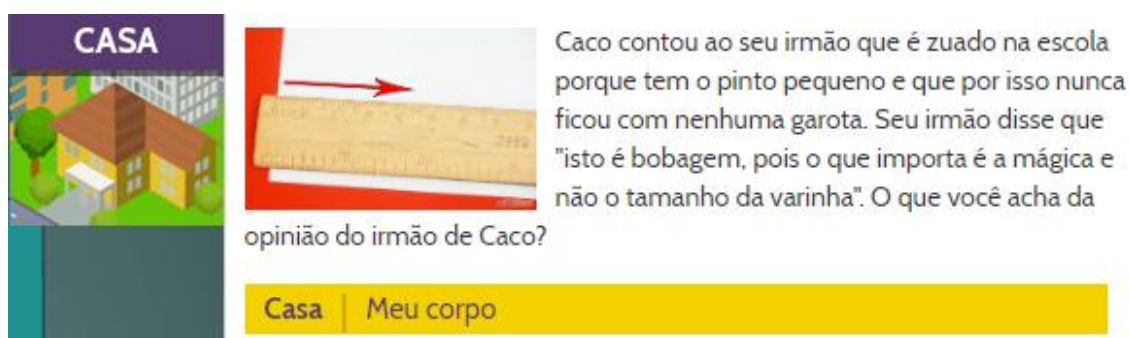
Que ela deveria parar de ser um pouco vulgar, pois não precisa disso. (♀, 18 anos)



Que eu não concordo com o comportamento dela, pois não gostaria de ser rotulada assim, mas se ela gosta, cada um com seu gosto, jeito e personalidade. (♀, 17 anos)

Nesta categoria, foi marcante a manutenção das questões de gênero atuando como forças estruturantes do pensamento e das ações. Os meninos também foram alvos de estratégias de controle dos corpos, tendo por base as construções histórico-sociais instituídas. Para eles, ficou o lugar de provedor do prazer sexual, com experiência e competência viril, como se pode observar na situação a seguir, especialmente nas respostas dadas pelos meninos (Figuras 13):

**Figura 13 – Situação-problema apresentada no Jogo Papo Reto**



**Fonte: Jogo Papo Reto.**

Acho que os dois têm pinto pequeno =/ Mas que cada um atire com sua arma. (♂, 17 anos)

Pinto pequeno e borracha fraca não rola né fiote! (♂, 18 anos)

Ele está certo, por que mais vale um pequeno experiente do que um grandão bobão. (♂, 15 anos)

Bom do meu eu não posso reclamar, mas se for ajudar o tamanho não é documento e sim fazer gostoso, do que adianta ter um grande e não saber usá-lo." (♂, 17 anos)  
 "kkkkkk. Não sou mágica e nem tenho um penis, entao nao sei. Mas eu acho q o tamanho faz diferença sim... (♀, 17 anos)

Eu acho que o irmão dele tem razão. Não é só por que ele tem o pinto pequeno que ele não vai fazer uma mulher satisfeita. (♀, 17 anos)

Essa situação, em que se observa uma valorização da performance e do tamanho do pênis, foi ao encontro de uma outra, em que as/os adolescentes foram questionadas/os sobre o que achavam do seu órgão sexual e se mudariam alguma coisa nele. Novamente, foi comum entre os meninos o discurso da valorização do pênis, com exaltações sobre o seu potencial físico e sexual:

Grande e não mudaria. Ele é perfeito. (♂, 17 anos)

Eu não. Sou malado filho de pai negão. (♂, 19 anos)

To bem com meus 30 cm, vlv! :x. (♂, 17 anos)

Ninguém nunca reclamou! (♂, 17 anos)

Não, é de um tamanho bom e de uma boa grossura kkkk. (♂, 17 anos)

Estou satisfeito com o jubileu. (♂, 19 anos)

Grande, não pois quem ta pegando não ta reclamando. (♂, 17 anos)

Entre as meninas, as manifestações também foram de domínio de si, harmonia e satisfação com seu órgão sexual, embora sua valorização tenha sido vinculada à estética, à personalidade e à afinidade em ser mulher, por meio de uma visão do corpo por inteiro:

Acho que combina comigo kk,e não mudaria. (♀, 16 anos)

Não, não mudaria nada , adoro meu corpo o/o. (♀, 15 anos)

Acho dahora e não, gosto de ser mulher. (♀, 17 anos)

Não. Pois eles são perfeitos como nosso corpo inteiro. (♀, 18 anos)

Não, está tudo legal. Gosto do jeito que é. (♀, 17 anos)

Sou muito satisfeita com o meu corpo, nada a mudar. (♀, 16 anos)

Nas situações em que as/os adolescentes apontaram o desejo de mudar algo, as mudanças, novamente, estiveram quase que restritas ao tamanho do órgão sexual entre os meninos e, no caso das meninas, apareceram de forma mais ampliada, indo além do órgão sexual, como demonstrado no Quadro 1.

**Quadro 1 – Comparação entre as estratégias de cuidado propostas pelas meninas e pelos meninos, referente à satisfação com o corpo**

Meninas	Meninos
Colocaria um pênis ! rsrs. (♀, 15 anos)	Deixaria ele bem maior. (♂, 17 anos)
Queria menorzinho. (♀, 18 anos)	Aumentaria. (♂, 16 anos)
Nao ter cabelo seria otimo! Kkkkkk. (♀, 17 anos)	Com certeza, deixaria ele maior kkk. (♂, 15 anos)
Mudaria! Queria por um percingi! (♀, 18 anos)	Colocaria um piercing transversal. (♂, 17 anos)
Assim, algumas mudanças seria bacana, mas td bem to satisfeita. (♀, 17 anos)	Diminuiria, porque ta muito grande. (♂, 18 anos)

Fonte: produzido pela autora, para fins deste trabalho.

Nesta categoria, além de evidência do controle dos corpos e do comportamento especialmente das meninas, contrapondo-se a um aspecto mais libertário na relação de ser, observou-se a cultura do corpo físico e o descuido da alma influenciando diretamente o processo de individualização. Ao desvirtuarem um dos pressupostos do cuidado de si, as/os adolescentes reafirmam a noção de corpo como o instrumento e o local de ação do biopoder e da disciplina.

#### **5.4 Exercício da sexualidade**

Nesta categoria, as estratégias de cuidado revelaram a atitude das/os adolescentes consigo mesmas/os, trazendo seus modos de estar no mundo e de se relacionar com as demais pessoas. Por um lado, as estratégias de cuidado apontaram resistência por meio da autonomia e do domínio de si, explicitadas por meio de argumentos que se associam aos direitos sexuais e reprodutivos, à liberdade sexual, ao autoconhecimento e ao poder de decisão autônoma. Por outro lado, foram fundamentadas na sujeição ao olhar e à vontade dos outros, no controle, na disciplina e na submissão às normas regulatórias para a adequação social. Conhecimentos prévios, mitos, tabus, religiosidade, domínios de si e capacidade crítica-reflexiva foram o norte para a tomada de decisão diante de situações-problema concernentes às experiências, às orientações e às práticas sexuais.

Em relação às estratégias associadas à resistência ao poder instituído, o cuidado se deu pelo governo de si das/os adolescentes, por meio do conhecimento sobre si, da ocupação consigo mesma/o e de um posicionamento reflexivo e autônomo para a definição de escolhas de forma racional. As proposições envolveram direitos sexuais e reprodutivos, incluindo reflexões argumentativas sobre casamento, gravidez, sexo seguro, primeira relação sexual, masturbação, aborto, preconceito e discriminação.

O conhecimento de si revelou o desprendimento da/o adolescente de certas regras, tomando a si própria/o como objeto de aplicação do cuidado, na tentativa de escapar das imposições sociais instituídas sobre o corpo e a sua relação com o prazer. Isso pode ser observado na situação exemplificada a seguir (Figura 14):

**Figura 14 – Situação-problema apresentada no Jogo Papo Reto**



CASA



Numa conversa com os amigos surge o assunto sobre masturbação. Alguns dizem que a masturbação frequente aumenta o pênis e o clitóris. Outros dizem que isto é bobagem. Qual a sua opinião sobre isto?

Casa
Masturbação

**Fonte: Jogo Papo Reto.**

Não sei se é verdade ou não, mas acho que a masturbação é algo que não deveria ser mais tabu, e infelizmente ainda é, masturbação nada mais é do que se conhecer e dar prazer a si mesmo! [...] (♀, 17 anos)

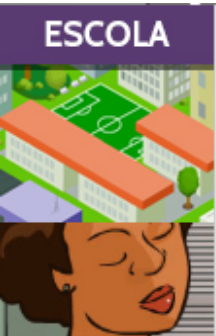
É bobagem, pois a masturbação nada mais é que uma estimulação dos órgãos sexuais de forma a sentir prazer. Não aumenta o tamanho do pênis nem do clitóris. (♀, 17 anos)

Não aumenta nada e nunca vai aumentar. Masturbação é prazer e não um elixir de crescimento. (♂, 17 anos)


Lamentavelmente não aumenta. (♂, 17 anos)

A autonomia da decisão foi também demonstrada em estratégias de oposição ao controle moral e familiar historicamente instituído. O centramento da/o adolescente em si mesma/o levou às estratégias de domínio de si, mediante a reflexão crítica quanto aos custos e aos benefícios das diferentes possibilidades de ações. A autonomia correspondente à capacidade de tomada de decisão independente pode ser observada na situação a seguir (Figura 15):

**Figura 15 – Situação-problema apresentada no Jogo Papo Reto**



ESCOLA



Léo tem 17 anos e sua namorada, Agatha, tem 15. Ela acaba de descobrir que está grávida e a notícia dividiu opiniões nas duas famílias. Uma família acha que deveriam se casar. A outra, que não precisam se casar desde que Léo participe da criação do bebê. Na sua opinião, o que Léo e Agatha devem fazer?

Escola
Gravidez

**Fonte: Jogo Papo Reto.**

Acho que eles só devem se casar se estiverem confortáveis com a ideia, pois eles não precisam ser casados para criar o filho. (♂, 15 anos)

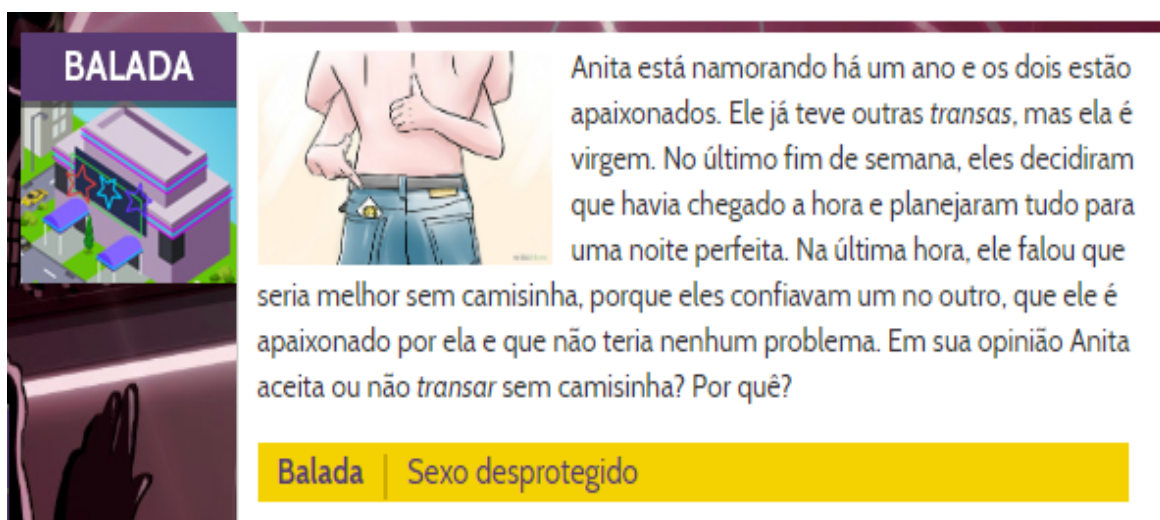
Bem, é uma decisão deles, pois é algo pessoal deles e dependendo do problema, caso não quisessem isso para a vida ainda, fosse muito cedo, na minha opinião, seria

legal um aborto, mas o que realmente devem fazer é ver o que querem um para o outro, como suas vidas devem seguir... (♂, 17 anos)

Devem deixar o bebê nascer e que não vão se casar que eles são muito jovens ainda e que eles podem tomar suas próprias decisões. (♀, 15 anos)

Em outras estratégias, foi marcante a redução dos espaços de sujeição aos outros e às vontades alheias, mediante a busca da/o adolescente pelo governo de si e pela liberdade para fazer suas escolhas. Isso aparece, por exemplo, em relação ao melhor momento para se ter a primeira relação sexual diante da demanda da/o parceira/o sobre intimidades sexuais e sexo sem proteção descrita na situação-problema a seguir (Figura 16):

**Figura 16 – Situação problema apresentada no Jogo Papo Reto**



**BALADA**

Anita está namorando há um ano e os dois estão apaixonados. Ele já teve outras *transas*, mas ela é virgem. No último fim de semana, eles decidiram que havia chegado a hora e planejaram tudo para uma noite perfeita. Na última hora, ele falou que seria melhor sem camisinha, porque eles confiavam um no outro, que ele é apaixonado por ela e que não teria nenhum problema. Em sua opinião Anita aceita ou não *transar* sem camisinha? Por quê?

Balada | Sexo desprotegido

**Fonte: Jogo Papo Reto.**

Não, claro que não, a camisinha não é uma proteção contra a confiança e paixão, e sim uma proteção contra doenças E gravidez, caso ela não queira engravidar, não deveria fazer isso... (♂, 17 anos)

Não, pois além dela poder pegar diversas DST's ela poderá também engravidar. (♀, 17 anos)

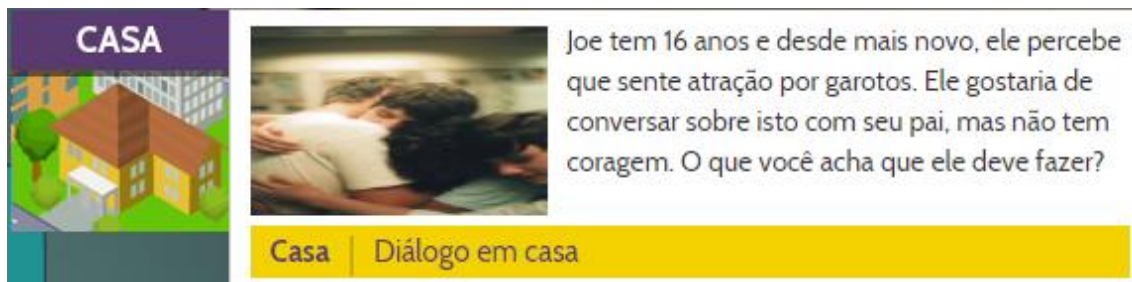
Não aceita, pois ele já teve outras relações sexuais e não se pode confiar em uma pessoa apenas por amor, ele poderia ter qualquer doença sexualmente transmissível, então não, nada de sexo sem camisinha. Paixão não significa que a pessoa é saudável. (♀, 17 anos)

Não, pois doença e filho não é brincadeira. (♂, 15 anos)

Os mecanismos regulatórios do biopoder e a sujeição às normas, ao olhar e à vontade dos outros fizeram-se presentes de forma contundente nas estratégias de cuidado concernentes à homossexualidade masculina. O caráter disciplinar pôde ser verificado na reprodução dos discursos que instituem a heteroafetividade como única direção para a vivência da

sexualidade dos meninos. O controle da orientação sexual, reforçado nas estratégias de cuidado propostas, especialmente pelos meninos, foi uma forma determinante de se estabelecer como a sexualidade deve ser exercida para que se enquadre socialmente na categoria da “normalidade”. As estratégias incluíram desde forçosas experiências heterossexuais, passando pela religiosidade e pela ameaça de violência física até a morte, como se pode observar na Figura 17:

**Figura 17 – Situação problema apresentada no Jogo Papo Reto**



**Fonte: Jogo Papo Reto.**

Ele é viadão e não deve contar porque vai apanhar. (♂, 17 anos)

Orar para que Deus o ajude a suportar esse desejo! Deus criou homem e mulher, juntos deveriam se unir e formar uma só carne. (♂, 18 anos)

Tenta conversar e tentar se envolver com meninas até sentir atração por ela. (♀, 18 anos)

Vira homem. (♂, 19 anos)

Se mata kkkk. (♂, 18 anos)

Entre as meninas, as estratégias de cuidado preponderantes foram de mais cautela e de busca por estratégias de apoio diante dos riscos a que se possa estar submetido em situações de não sujeição às regras e às normas sociais:

Procurar algum centro de apoio ou comentar com algum amigo ou até mesmo sua mãe. Nunca se sabe a reação de seu pai. (♀, 16 anos)

Chats é a melhor maneira. (♀, 18 anos)

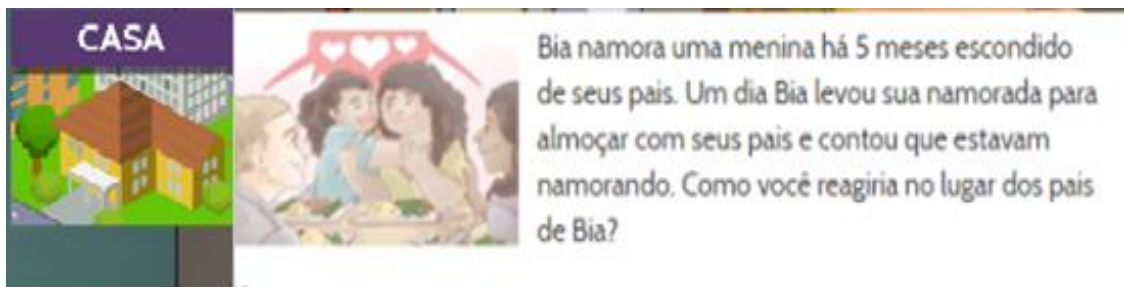
Espera mais um pouco e pensa se e isso mesmo que ele quer. (♀, 17)

Se Joe realmente quiser ter essa conversa, acho que ele só deve ter se souber a opinião do pai em relação a isso para que ele não se magoe com a reação dele e fique ainda mais confuso e gere outros problemas até pensar em suicídio. (♀, 15 anos)

As questões de gênero, nesta categoria, estiveram associadas, especialmente, às estratégias relativas à orientação sexual, em especial à homossexualidade, com regras

impostas aos meninos e pelos meninos de oposição a manifestações sexuais ou comportamentais que reportem ao feminino. A homossexualidade feminina levou a estratégias de aceitação e a um discurso de direito, tanto para meninas quanto para meninos, além de uma preocupação com o enfrentamento das possibilidades de preconceito e de discriminação (Figura 18):

**Figura 18 – Situação problema apresentada no Jogo Papo Reto**



**Fonte: Jogo Papo Reto.**

Aceitaria, pois quero minha filha feliz independentemente da orientação sexual dela. (♀, 17 anos)

Ficaria muito surpresa, mas conversaria com elas e ia dar vários conselhos. (♀, 17 anos)

Ia agir normalmente e aceitaria de boa minha filha pois ela fez a decisão sexual dela e se ela decidiu isso é isso mesmo, mas iria explicar ela que ela teria que passar por muitos preconceitos e etc. (♂, 15 anos)

Nas estratégias associadas a vivências da sexualidade, o modo singular de se seguir exercitando a prática da liberdade esteve presente em níveis, formas e processos variados, na tentativa de se escapar das imposições sociais mais amplas, que limitam os processos de autonomia e do cuidar de si. As/os adolescentes mostraram-se mais impelidas/os a resistir às imposições da disciplina e do controle no exercício da sexualidade do que a estarem submetidas/os às formas de poder normativo-disciplinares e de adequação aos padrões sociais instituídos.

## 6 DISCUSSÃO

Este estudo revelou o exercício da autonomia das/os adolescentes ao estabelecerem estratégias de cuidado de si em situações que simulam a realidade. No jogo, as/os adolescentes foram convidadas/os a se manifestarem de forma livre, sem a interferência de adultos, "construindo uma acumulação de encontros com saberes culturais." (SOUZA *et al.*, 2017, p. 398). A investigação também permitiu analisar os significados atribuídos pelas/os adolescentes às situações disponibilizadas, segundo suas vivências, seus conhecimentos e suas percepções do outro em sua singularidade e em sua coletividade, permeadas/os pela capacidade transformadora das relações estabelecidas e pelos diversos contextos que envolvem a construção de si mesmo e do outro. Nesse sentido, pode-se observar o domínio de si e a autonomia para a tomada de decisões, apontados como elementos centrais do "cuidado de si" (FOUCAULT, 2006).

O cuidado de si advém do profundo conhecimento de si próprio, da sua realidade, dos significados construídos a partir de suas próprias vivências, de seus deveres e de suas limitações nas diversas relações que se estabelece consigo mesmo e com os outros (FOUCAULT, 2006).

Nesse sentido, o cuidado de si, aqui expresso por meio das estratégias de cuidado, é uma prática que, para além do conhecimento, revela os mecanismos empregados pelas/os adolescentes ao gerenciarem as situações-problema como simulações de sua própria vida. Ele diz respeito às características, aos conhecimentos, às habilidades e às atitudes empregados para definir as próprias ações. Tais aspectos emergidos no jogo, por meio da problematização, da reflexão crítica, da liberdade de expressão e da interação com seus pares, levaram ao estabelecimento das estratégias de cuidado aqui analisadas, considerando os atravessamentos pela transversalidade de gênero, pela sexualidade e pelo cuidado de si.

Resistir às imposições, contestar conhecimentos sedimentados, ressignificá-los, questioná-los, não praticá-los ou, ainda assim, praticá-los são posturas observadas mais frequentemente entre adolescentes. Essas revoluções cotidianas caracterizam o pleno exercício da liberdade e da autonomia na tomada de decisões sobre suas vidas. Foucault (2006) afirma que o cuidado de si é aquilo que depende de si mesmo, a partir do questionamento sobre os benefícios de determinadas decisões, da consciência de si. Tomando por base essa consciência de si como provedora do cuidado de si, o exercício da autonomia abre janelas de oportunidades, inclusive, para que as/os adolescentes estabeleçam estratégias de cuidado divergentes daquelas socialmente estabelecidas.



Na primeira categoria, sobre conflito e violência nas relações de intimidade, foi possível identificar que as/os adolescentes reproduzem a noção de público e de privado, ou seja, consideram essa configuração social presente na atualidade, herdada de uma construção histórica e temporal, como fundamento para a proposição de estratégias de cuidado ao tratarem de relacionamentos íntimos. Tal configuração, fundamental para a manutenção das relações hierárquicas entre os gêneros, encontra origem na Grécia Antiga, em que o espaço público remetia ao governo (relações políticas) e o privado ao doméstico (relações íntimas e naturais). Isso, de diversas formas, ainda tem reflexos nas organizações das relações de gênero na atualidade (HIRATA *et al.*, 2009).

A necessidade de demonstrar distanciamento ou de não solicitar a intervenção de adultos materializa-se pelo exercício da autonomia em diversas situações, principalmente naquelas que envolvem relacionamentos íntimos. Essa estratégia de cuidado mantém a resolução dos conflitos nas relações de intimidade delimitada à dimensão privada.

Mesmo quando as/os adolescentes mencionaram estratégias de acionamento de terceiros, o intuito esteve mais voltado para uma resolução dentro da esfera do casal. Esse acionamento como estratégia de cuidado manifesta o desejo da/o adolescente de autopreservação frente a uma situação que pode necessitar de medidas extremas ou fugir ao controle, associada aos casos que envolviam um risco potencial de danos físicos.

A compreensão de que conflitos entre parceiras/os íntimos são mais restritos ao campo privado, como aqui observado, demonstra que as/os adolescentes reproduzem, em sua autonomia, construções sociais que limitam a atuação de outros atores, sobretudo as mulheres, quando se trata da submissão ao tipo de relações afetivas abusivas. Remete, ainda, a um suposto direito que, historicamente, é dado ao homem e legitima seu poder sobre o corpo e as decisões da mulher. Isso se dá, especialmente, em situações voltadas à ideia de privado e de doméstico, como a casa, o namoro e o casamento.

O relacionamento íntimo, nesse caso, pode se traduzir em um entendimento de sujeição das mulheres contrário ao domínio de si, no qual o homem tem o direito inquestionável de submeter sua companheira, inclusive a situações de violência (FLEURY-TEIXEIRA; MENEGHEL, 2015), muitas vezes sendo interpretado como prova de cuidado e de amor. Via de regra, é dedicada à mulher, como observado em estratégias apontadas pelas/os adolescentes neste estudo, a responsabilidade solitária de se desvencilhar da situação abusiva, sem um comprometimento em âmbito coletivo.

É importante ressaltar que a percepção de que existem dimensões de ação pública e privada que organizam os relacionamentos íntimos, principalmente das mulheres, sustentada

nas relações sociais de gênero, pode ter influenciado diretamente nas estratégias de cuidado aqui estabelecidas. Isso porque existe a idealização, naturalizada socialmente, do comportamento tanto de mulheres quanto de homens.

[...] A divisão social de gênero, naturalizada, tem como consequências o confinamento das mulheres à sua própria natureza e a reprodução da desigualdade entre homens e mulheres, estas tomadas muitas vezes como propriedade daqueles. (FLEURY-TEIXEIRA; MENEGHEL, 2015, p. 265).

Especialmente nessa categoria, foi possível perceber, em algumas estratégias de cuidado de si, a presença marcante de discursos socialmente instituídos, os quais disciplinam e conduzem as relações de intimidade entre adolescentes. Esse achado consta também no estudo de Simões e colaboradores (2019), no qual se verificou a reprodução dessas expectativas sociais arraigadas nas relações afetivas da atualidade. A violência nas relações de intimidade possui influências culturais e individuais, perpassam os valores familiares e podem moldar o comportamento das/os adolescentes, reforçando os padrões e repercutindo na vida adulta (FLEURY-TEIXEIRA; MENEGHEL, 2015).

Os discursos histórico-sociais reproduzidos pelas/os adolescentes, de forma consciente ou não, demonstram a naturalização da agressividade e das violências nas relações de intimidade, ao estabelecerem estratégias que sugerem que a agressividade por parte de um dos parceiros é um processo natural de aprendizagem. A esse respeito, Fleury-Teixeira e Meneghel (2015) dizem que a agressividade pode ser considerada como um impulso, uma expressão de força interior de uma pessoa. Esse impulso ocorre, simultaneamente, no âmbito individual e nas relações sociais, podendo ser observado nas tentativas dos indivíduos em defenderem seus interesses e realizá-los em sociedade (FLEURY-TEIXEIRA; MENEGHEL, 2015).

A percepção da agressividade como um processo intrínseco ao desenvolvimento, passível de controle e de mudança com o tempo, reforça o entendimento da manutenção do relacionamento e a resolução autônoma dos conflitos, em nível pessoal e individual. Esse tipo de compreensão pode também ser decorrente de uma percepção, não restrita a esse grupo etário, de que as situações de caráter abusivo ou violento podem fazer parte de uma prática de cuidado, de demonstração de amor e de afeto. A naturalização das violências pode levar à sua invisibilização no âmbito dos relacionamentos íntimos (MINAYO, 2011).

As/os adolescentes também demonstraram, em algumas de suas estratégias, a dificuldade de reconhecer uma situação de agressividade, o ciúme exagerado e a perseguição,

entre outros comportamentos, como expressões de relações abusivas ou de violência praticadas pela/o parceira/o íntima/o. O fenômeno da violência nas relações de intimidade entre adolescentes foi definido pela OMS como um problema de saúde pública, caracterizado por comportamentos causadores de danos físicos, sexuais ou psicológicos, incluindo comportamentos controladores. Em estudo de Brancaglioni e Fonseca (2016), realizado com 111 adolescentes entre 15 e 19 anos, constatou-se que 90,1% sofreram, no mínimo, uma das manifestações de violência, o que demonstra que esse fenômeno é observado comumente nos relacionamentos íntimos entre adolescentes.

Algumas estratégias de cuidado estabelecidas no presente estudo demonstram a naturalidade com a qual as/os adolescentes tratam a submissão da/o parceira/o íntima/o a algum tipo de violência, como na fala em que a adolescente diz que “dá logo um tapinha para ele lhe responder”. Brancaglioni e Fonseca (2016) também trouxeram esse achado em seus estudos ao verificarem que 91% das/os adolescentes que participaram de sua pesquisa investiram algum tipo de violência contra sua/seu parceira/o íntima/o.

Diversos fatores contribuem para que a/o adolescente invisibilize os abusos e as violências nas relações de intimidade: o medo de represálias da/o parceira/o, a vergonha em admitir que sofreu violência, o julgamento e a descrença das pessoas sobre o ocorrido, sobretudo na falta de provas visuais ou materiais, a esperança na mudança de comportamento da/o parceira/o e o desconhecimento sobre as formas de manifestações da violência (SABINA; HO, 2014; SOUZA; PASCOALETO; MENDONÇA, 2018). Em estratégias aqui apresentadas, os argumentos estiveram mais relacionados à esperança na mudança de comportamento, por meio de variadas formas de controle da agressividade, como no caso da prática de atividades físicas e de conversa com a/o parceira/o.

Na segunda categoria, foi possível verificar que as/os adolescentes reconhecem os limites da sua ação, da sua autonomia e do governo de si ao optarem por acionar a intervenção de outros atores, externos à dimensão do campo privado, como a mãe, o pai e a polícia. A publicização da violência, quando perpetrada por terceiros, orientou a tomada de decisão das/os adolescentes para um dizer verdadeiro (*pharresia*) (FOUCAULT, 2006). O dizer verdadeiro, nesse caso, relaciona-se com o fato de as/os adolescentes reconhecerem que as situações vivenciadas estão além de sua capacidade de resolução. Ao reconhecerem tais limitações, lançam mão do poder instituído e remetem à reprodução de normas sociais.

As estratégias foram direcionadas, nesse caso, para o acionamento institucional da polícia, do Conselho Tutelar e da diretoria escolar, no caso de violência ocorrida no âmbito da escola. Essas instituições representam a ação do governo das condutas dos outros, por meio

do biopoder. A demanda pela intervenção da família, também observada neste estudo, demonstra que as/os adolescentes solicitam o apoio de adultos de referência com o objetivo de promover a autopreservação naquelas situações em que se percebem ameaçadas/os e com pouca ou nenhuma governabilidade. Essas estratégias de cuidado podem, para além dos resultados deste estudo, evidenciar a prática do cuidado de si por meio de um mestre.

A governamentalidade é outra forma de manifestação do poder que norteia essa estratégia de cuidado, uma vez que as/os adolescentes demonstraram contar com a força disciplinar e coercitiva conferida pelo poder instituído. Essa estratégia de cuidado aqui verificada visa à cessação da violência.

Nessa categoria, observaram-se, ainda, estratégias de cuidado que remetem à persistência da ideia de controle e disciplina sobre o corpo da mulher, verificada por meio de sua culpabilização pela violência sofrida nas situações associadas à divulgação de imagens íntimas, via Internet. Nas situações em que a menina esteve de alguma forma envolvida voluntariamente na exibição de sua imagem, ainda que tenha sido reconhecida a ilegalidade do ato pelas/os adolescentes, estiveram presentes discursos de responsabilização e de “ter que arcar com as consequências”. Não se mostrou presente um acionamento crítico ou reflexivo quanto às perspectivas decorrentes das novas formas de interações virtuais, tanto em termos legais quanto liberais.

Dantas e Vasconcellos (2017), em estudo sobre violência sexual contra a mulher, revelam que a responsabilidade pela prática ou pela motivação do crime é atribuída à mulher, culpabilizando-a pela sua vestimenta, pela sua vida sexual e/ou pelos seus comportamentos sociais. Em outro estudo, realizado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em parceria com o Brasil (CODING RIGHTS; INTERNETLAB, 2017), os resultados revelaram que a dificuldade de identificar e categorizar esse tipo de manifestação de violência como um crime ou de solucioná-lo por meio da esfera jurídica tem raízes na prevalência de valores marcadamente permeados pelas relações hierárquicas, historicamente construídas e estabelecidas socialmente entre os gêneros. Peixoto e Nobre afirmam que os valores sociais patriarcais permitem que a sociedade atribua à mulher, mesmo que de forma parcial e velada, o papel de co-participação em se tratando da violência sexual (PEIXOTO; NOBRE, 2015). Desse modo, a mulher é vitimada várias vezes: ao ser co-responsabilizada pela violência sofrida, ao ser exposta ao julgamento social e ao controle dos seus corpos (NASCIMENTO-GOMES; CORDEIRO, 2013; COSTA; GROSSI; MACARRO, 2016).

Na terceira categoria, cujas estratégias revelaram grande proximidade das/os adolescentes com as situações disponibilizadas no jogo, embora tenha havido a

preponderância das estratégias associadas ao caráter de resistência foram também significativas as estratégias e as argumentações que traziam a reprodução de padrões regulatórios, normativos e disciplinares dos corpos.

O corpo constitui, historicamente, local privilegiado para a ação do biopoder (FOUCAULT, 2018). Mas é também por meio dele que as pessoas expressam seus pontos de resistência ao instituído (FOUCAULT, 2018). No estudo de Fontenele e Miranda (2017), foi evidenciado que a construção da identidade e das relações que a/o adolescente estabelece consigo mesma/o e com os outros na contemporaneidade apresenta a combinação entre a aquisição de novos posicionamentos, que conversam com a temporalidade da/o adolescente, e a reprodução de posturas e conhecimentos cristalizados.

A aceitação de si foi a estratégia de cuidado estabelecida de forma preponderante pelas/os adolescentes como forma de resistência ao poder disciplinante sobre os corpos e aos comportamentos sociais (FOUCAULT, 2006). A esse respeito, Louro (2014) revela que a forma de resistência advém da apresentação e das multiplicidades de enfrentamentos desenvolvidos quando as pessoas se veem em situação de submissão. Diante do poder instituído, sempre haverá um tipo de resistência que não se liga às violências, mas se faz presente de forma sutil (ou não!) e se traduz em pequenas revoluções observadas no cotidiano das pessoas e das situações.

Há nas relações de poder um enfrentamento constante e perpétuo. Como corolário desta ideia teremos que estas relações não se dão onde não haja liberdade. Na definição de Foucault, a existência de liberdade, garantindo a possibilidade de reação por parte daqueles sobre os quais o poder é exercido, apresenta-se como fundamental. Não há poder sem liberdade e sem potencial de revolta. (MAIA, 1995, p. 89).

Ainda sob a perspectiva da resistência, observaram-se estratégias nas quais as/os adolescentes defendem a livre expressão do corpo e do comportamento, em todas as suas nuances, nas diversas esferas sociais, ao proporem, por exemplo, que “o importante é sentir bem consigo mesma”. Isso mostra uma resistência à imposição dos comportamentos considerados adequados, com o intuito de promover a harmonia social e a padronização do corpo, que insiste em estabelecer o que é ideal. No caso do comportamento, as imposições são carregadas de valores morais e o corpo é sistematicamente explorado pelas mídias e vendido como expressão do que é saudável, belo e desejável, ainda que não corresponda ao corpo real.

Os estudos de Lopes e Mendonça (2016) revelam que, por vezes, os padrões estéticos mostram-se inalcançáveis. As cobranças sociais que estabelecem a disciplina e o controle dos

corpos podem trazer, dessa forma, sofrimento para as/os adolescentes, não bastassem as transformações biológicas, a padronização e a normatização instituídas, que afetam sobremaneira a autoimagem da/o adolescente. São afetadas/os tanto aquelas/es que correspondem às cobranças sociais quanto aquelas/es que se desviam delas. Se na era cristã o corpo sofria punições físicas, castigos e condenação (FOUCAULT, 2013), atualmente, o corpo é supliciado pelos mecanismos excludentes, valorativos e classificatórios sociais da ação da disciplina.

Já os apelos pela padronização dos corpos e dos comportamentos, também presentes nessa categoria, incorrem na sociedade pela reprodução de determinadas formas pelas quais as pessoas relacionam-se com o próprio corpo e com o corpo do outro. Essas formas materializam-se por meio da imposição de padrões estéticos a serem seguidos como representação do corpo ideal e de comportamentos sociais e moralmente aceitos, principalmente para as mulheres, que historicamente foram e permanecem submetidas a padrões estéticos que beiram a busca pela perfeição.

Segundo Prins e Meijer (2002), aquelas que não se encaixam nos padrões hegemônicos representam o grotesco e o descuido e necessitam, portanto, de intervenções e correções para sua adequação (PRINS; MEIJER, 2002) ou são submetidas à exclusão. Orientadas/os por essas e por outras manifestações do biopoder, as/os adolescentes trouxeram nessa categoria algumas limitações para a livre expressão do corpo e do comportamento, com estratégias que propõem que uma garota, que se veste com roupas curtas e é extrovertida, não deve ligar para a opinião dos outros sobre sua vestimenta. No entanto, delimitam que usar “roupas muito vulgares também não é legal”.

Meninas e meninas demonstram percepções diferentes sobre o estabelecimento de estratégias que atravessam a relação com o próprio corpo. Essas diferenças revelam que ambos são afetados pelas normas sociais que padronizam o que é ser mulher e o que é ser homem.

No âmbito dessa categoria, as meninas adolescentes trouxeram estratégias de cuidado que refletem a satisfação com o seu próprio corpo como um todo, ainda que, por vezes, atravessadas por imposições estéticas padronizantes. Elas revelaram se identificar de forma mais harmoniosa com as características corporais ao apresentarem estratégias que exprimem a autoaceitação.

Essa autoaceitação das meninas mostrou-se como uma forma de ruptura com os discursos históricos sobre o órgão genital feminino, por tantos anos submetido ao silenciamento ou ironizado e criticado por diversas características, como forma, odor e

umidade. Seus argumentos e suas estratégias de cuidado demonstraram o exercício do autoconhecimento e da autoafirmação, por meio da satisfação com sua genitália, não havendo nada a ser modificado por "gostar como é e por considerá-la perfeita".

Diferentemente das meninas, no que se refere à genitália masculina, estiveram mais presentes estratégias de cuidado ou argumentações de maior controle e disciplinarização estética e funcional desse órgão. A valorização do seu tamanho, a preocupação com a sua capacidade de produzir prazer para as mulheres e a demonstração de virilidade foram a tônica das falas, especialmente entre os meninos.

Esse aspecto, que delimita uma expressão corporal da masculinidade hegemônica, está diretamente relacionado com as construções histórico-sociais que recaem sobre os homens, análise também observada por Fleury-Teixeira e Meneghel (2015). Outros autores contribuem em seus estudos com essa concepção da manutenção histórico-social da masculinidade hegemônica presente na atualidade, ao afirmarem que “a posição ocupada pelo homem diz respeito às relações corporais e, também, sociais, incluindo a carga simbólica e física da corporalidade dos homens na formação da masculinidade.” (OLIVEIRA NETO; FIRMINO; PAULINO, 2019, p. 62). A disciplina e o controle incidem, nesse caso, sobre os homens numa constante vigilância do seu comportamento e das suas interações sociais. Ao menor sinal desviante, sua masculinidade e sua virilidade são postas em dúvida, de forma pejorativa, humilhante ou jocosa. Esse fato pode ser observado na situação do jogo em que o tamanho do pênis de um menino é apontado por ele como um problema e, quando da tentativa do seu irmão de lhe dar esclarecimentos, um dos jogadores ironiza que ambos devem ter o pênis pequeno.

Na quarta categoria, as estratégias trouxeram de forma bem definida o direcionamento e a compreensão das/os adolescentes em relação a estratégias que compreendem o exercício da sexualidade de forma livre e sem as amarras correspondentes às normas sociais estabelecidas, com os discursos entre o bom e o ruim, o normal e o patológico. A resistência é corolária ao investimento do poder estabelecido por tais normas sociais de conduta sexual e comportamental. Para Louro, “o exercício do poder sempre se dá entre sujeitos que são capazes de resistir” (LOURO, 2014, p. 43).

Esses modos ou pontos de resistência mostraram-se potentes em diversas estratégias de cuidado diluídas nessa categoria. O autoconhecimento foi apontado pelas/os adolescentes como uma estratégia de cuidado para o exercício prazeroso da sexualidade, ao se pronunciarem sobre masturbação. Também esteve presente a autonomia sobre o corpo, em situações de gravidez e de iniciação sexual.

As reflexões autônomas levaram a estratégias que permitiram a reivindicação do governo e do domínio de si, formando uma frente de resistência ao biopoder. No tocante ao direito reprodutivo, as/os adolescentes trouxeram estratégias de cuidado que convergem para a autonomia sobre as decisões em relação ao próprio corpo e momento para vivenciar a maternidade/paternidade, trazendo uma visão menos impositiva sobre as decisões relativas à manutenção ou não de uma gestação. Nesse caso, as estratégias de cuidado das/os adolescentes foram marcadas pela reflexão que uma gestação terá em seu futuro.

Riter, Dellazzana-Zanon e Freitas (2019), que descrevem que a sociedade espera das/os adolescentes a construção e o percurso orientados para os projetos de vida que privilegiam os estudos e o mercado de trabalho. Dessa forma, acrescentam Venturini e Piccinini (2014) que a visão das/os adolescentes sobre uma gestação nessa fase da vida pode ter um significado negativo.

Ainda abordando a construção e a efetivação de projetos futuros, é importante ressaltar que, no presente estudo, as/os adolescentes não consideram o casamento como componente desse planejamento, embora apresentem estratégias romantizadas em diversas situações no jogo. Esse achado diverge dos resultados identificados nos estudos de Riter, Dellazzana-Zanon e Freitas (2019), nos quais os autores revelaram que as/os adolescentes entrevistadas/os desejam e consideram o casamento e os filhos como um desdobramento natural no ciclo de vida.

A determinação do momento ideal para iniciar a atividade sexual e o uso do preservativo foram também estratégias de cuidado estabelecidas pelo governo de si e como forma de resistência. As/os adolescentes demonstraram clareza quanto a não ceder aos constantes estímulos da/o parceiro/a associados à iniciação sexual, bem como no cuidado de si quanto ao uso do preservativo.

A submissão ao biopoder esteve relacionada, nessa categoria, com a crítica e até mesmo com as estratégias punitivas frente às possibilidades de um relacionamento homossexual entre meninos. Nesses casos, não estiveram presentes problematizações quanto às razões associadas ao reforço das violências físicas e verbais sofridas na expressão da homossexualidade masculina; as violências, ao contrário, foram naturalizadas ou incentivadas (COSTA; MACHADO; WAGNER, 2015; BRAGA *et al.*, 2018). Essa crença pode estar ancorada na associação entre sexo biológico e identidade, como se essa última fosse um produto do primeiro (FOUCAULT, 2018). A visão de que o natural é a heterossexualidade coloca como anormais as pessoas que desviam desse padrão (LOURO, 2014).



Trazendo a homossexualidade para os espaços em que deveria ou poderia ser discutida abertamente, o que se percebe é um arriscado silenciamento à diversidade sexual. Esse aspecto fez com que várias estratégias aqui observadas levassem a uma postura reticente quanto ao compartilhamento de vivências homossexuais com o pai mediante o receio da punição. A ajuda da mãe foi, por vezes, apontada como um porto seguro, mediante sua característica mais protetora e compreensível, no intuito de se reduzirem as chances de rejeição pelo pai e de possível violência. Esse receio ou silenciamento traz consigo uma forma de garantir a manutenção de um pensamento que se ancora na normalidade (LOURO, 2014) e que reflete em outros vários desdobramentos, como a violência e os sentimentos de medo, angústia e desamparo.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo revelou a capacidade das/os adolescentes para tomada de decisão autônoma, criticidade, argumentação e definição de estratégias com o intuito de se protegerem, se cuidarem e estabelecerem o seu modo de estar no mundo. Confirmaram o fundamento foucaultiano de que, para se chegar ao cuidado de si, é necessária a busca pelo autoconhecimento, a preocupação e a ocupação consigo, o que revela estratégias de cuidado de resistência e, ao mesmo tempo, de reprodução de imposições sociais, traduzidas em formas, intensidades e graus variados.

A autonomia também se mostrou em maior ou menor medida, embora sempre presente tanto nas proposições regidas pelo governo de si quanto naquelas em que a instituição foi a influenciadora ou vista como necessária e com soberania para intervir.

Os componentes principais de resistência, com discursos e proposições de superação do que está posto e das verdades cristalizadas, regulatórias e normativas, estiveram presentes de forma mais marcante nas estratégias relacionadas à relação com o corpo e ao exercício da sexualidade. Aí estiveram presentes estratégias e argumentações expressas no posicionamento de se permitir ser, se vestir, se relacionar, se gostar e ser livre para suas escolhas.

Nas estratégias associadas à homossexualidade e à exposição voluntária do corpo, especialmente das meninas, e aos discursos de valorização da virilidade masculina, estiveram presentes os componentes mais relacionados com o assujeitamento ao biopoder.

Para os relacionamentos categorizados como abusivos ou violentos nas relações de intimidade, foram marcantes as estratégias orientadas pela naturalização e pela não problematização desses conflitos, sinalizando para uma percepção de que tais comportamentos podem fazer parte ou serem inerentes aos relacionamentos íntimos. Analisando em outra direção, as/os adolescentes também se mostraram capazes de tomarem para si a interrupção ou o pedido de intervenção de terceiros ao identificarem um relacionamento com esse tipo de atitude perpetrada pela/o parceira/o ou outrem. Também se destaca a reprodução das desigualdades entre os gêneros como um pressuposto para o estabelecimento de estratégias de cuidado divergentes para meninos e meninas. As estratégias, nesses casos, traziam consigo um discurso disciplinar, normativo e regulador dos corpos tanto de meninas quanto de meninos, ainda que interpeladas por valores morais, éticos e sociais diferenciados entre ambos.

Ao reproduzirem os padrões sociais, percebe-se que as/os adolescentes incorporam o instituído e o perpetuam quase que naturalmente, sem questionamentos ou críticas,

sinalizando para o fato de fazer parte de seus cotidianos. Nesse sentido, a escola pode ser uma aliada na construção de espaços e de diálogos propiciadores de reflexão e aprofundamento quanto aos aspectos históricos, culturais e sociais que fazem com que tais contextos sejam aceitos e perpetuados de forma naturalizada, definitiva e estabelecida. Dessa forma, as propostas de políticas públicas necessitam de maior abertura familiar e governamental para serem colocadas em prática de forma ampla, democrática e dentro dos princípios da autonomia, da cidadania e dos direitos sexuais e reprodutivos da/o adolescente.

A delimitação das categorias permitiu o enquadramento da pesquisa em um âmbito que refletisse a teoria do cuidado de si, não restringindo outras possibilidades de enfoque sob teorias foucaultianas e de outros teóricos ou pesquisadores. Este estudo pode servir como base para a seleção de outras linhas de pesquisa, as quais têm o potencial de contribuir para a relevância da discussão que se pretendeu propor.

As limitações desse estudo residem na dificuldade de aceitação por parte das escolas convidadas a participarem da pesquisa, tendo em vista a questão política envolvendo a temática abordada, limitando sua aplicação para um significativo grupo de adolescentes e de diversas localidades do Brasil. Também se destaca a resistência por parte de pais, mães ou responsáveis legais pelas/os adolescentes, reduzindo ainda mais o número de participantes no jogo, preparado para um número ilimitado de jogadoras/res. Reforça-se aqui o caráter de pouca abertura, até mesmo entre adolescentes, para as discussões sobre sexualidade e gênero nos diversos ambientes que constituem sua formação, que pôde ser observado antes mesmo da aplicação do jogo e que ficou evidente a partir da subutilização da sua capacidade interativa.

Os resultados desta pesquisa não esgotam as possibilidades de novos estudos que abordem as dinâmicas envolvendo a adolescência, a construção da identidade, a forma de se vivenciar a sexualidade, as relações de gênero, raça, cor e etnia. Também trazem questões culturais e geracionais, além de tantos outros aspectos que se fizeram presentes no andamento do jogo e que valem à pena serem aprofundados.

Espera-se que os resultados desta pesquisa possam contribuir com o surgimento de novos estudos nessa área, com a utilização de outros meios tecnológicos, como o uso de aparelhos celulares e das redes sociais, na medida em que permitem maior liberdade e autonomia às/aos adolescentes. Espera-se que tragam, igualmente, mais uma oportunidade às/aos adolescentes de discussão e reflexão sobre suas realidades e suas vivências no campo da sexualidade de forma livre, inventiva e não coercitiva. Espera-se, por fim, que seus resultados possam reforçar o lugar da/o adolescente como um ser autônomo e capaz de tomar decisões inerentes ao seu governo e ao cuidado de si.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, K. P. C. O cuidado de si para o cuidado do outro. **Revista Bioethikos**, São Paulo, v. 7, n. 4, p. 437-441, 2013.
- ARAÚJO, D. B. **Gênero e sexualidade na escola**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2018. *E-book*.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BERNARDES, A. G. Potências no campo da saúde: o cuidado como experiência ética, política e estética. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 36, p. 175-190, 2012.
- BITTENCOURT, N. A. As “ondas” dos movimentos feministas e o eurocentrismo da história. **Revista InSURgência**, Brasília, n. 1, v. 1, p. 198-210, 2015.
- BOLSONI, B. V. Cuidado de si e consciência corporal: aportes foucaultianos para a educação do corpo. *In: IX SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL*, 2012. Caxias do Sul, 2012. **Anais [...]** Caxias do Sul, 2012. Disponível em: [https://www.ucs.br/ucs/eventos/anped\\_sul\\_2012/apresentacao/](https://www.ucs.br/ucs/eventos/anped_sul_2012/apresentacao/). Acesso em: 22 mai 2019.
- BORGONOVO, A. K.; *et al.* Importância, capacidade e conforto ao conversar com crianças sobre sexualidade: comparação entre pais e professores. **Revista Educação Online**, Rio de Janeiro, n. 26, p. 97-119, 2017.
- BRAGA, I. F.; *et al.* As múltiplas faces e máscaras da heteronormatividade: violências contra adolescentes e jovens homossexuais brasileiros. *Salud & Sociedad*, v. 9, n. 1, p. 52-67, 2018.
- BRANCAGLIONI, B. C. A.; FONSECA, R. M. G. S. Intimate partner violence in adolescence: na analysis of gender and generation. **Revista Brasileira de Enfermagem** Brasília, v. 69, n. 5, p. 946-55, 2016.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde**. Brasília, 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica**. Brasília, 2017.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Instrutivo PSE/Ministério da Saúde**. Brasília, 2011.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico número 27: Análise epidemiológica da violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2011 a 2017**. Brasília, 2018b.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Proteção dos Direitos da Criança e Adolescente. **Violência contra Crianças e Adolescentes: Análise de Cenários e Propostas de Políticas Públicas**. Brasília, 2018a.

CAMPOS, H. M.; *et al.* Diálogos com adolescentes sobre direitos sexuais na escola pública: intervenções educativas emancipatórias! **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del Rei, v. 13, n. 3, 2018.

CARONI, M. M.; BASTOS, O. M. Adolescência e autonomia: conceitos, definições e desafios. **Revista de Pediatria SOPERJ**, v. 15, n. 1, p. 29-34, 2015.

CARVALHO, M. E. P. de; RABAY, G. Usos e incompreensões do conceito de gênero no discurso educacional no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 119-136, 2015.

CASTRO, J. F. L.; ARAÚJO, R. C.; PITANGUI, A. C. R. Sexual behavior and practices of adolescent students in the city of Recife, Brazil. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 219-227, 2017.

CECILIO, L. C. O. Apontamentos teórico-conceituais sobre processos avaliativos considerando as múltiplas dimensões da gestão do cuidado em saúde. **Interface**, Botucatu, v. 15, n. 37, p. 589-599, 2011.

CEZAR, P. K.; ARPINI, D. M.; GOETZ, E. R. Notificação da Violência na Infância e Adolescência. Registros de Notificação Compulsória de Violência Envolvendo Crianças e Adolescentes. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, n. 2, p. 432-445, 2017.

CODING RIGHTS; INTERNETLAB. **Violências contra mulher na internet: diagnóstico, soluções e desafios**. Contribuição conjunta do Brasil para a relatora especial da ONU sobre violência contra a mulher. São Paulo, 2017. Disponível em: [https://www.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2017/11/Relatorio\\_ViolenciaGenero\\_ONU.pdf](https://www.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2017/11/Relatorio_ViolenciaGenero_ONU.pdf). Acesso em: 30 abr 2019.

COGO, D.; BERNARDES, M. Usos da internet na constituição de sociabilidades juvenis femininas. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 35, n. 2, p. 117-136, 2014.

CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI – UFMG/FUMEC/Dom Helder Câmara, 25, 2015. Poder, cidadania e desenvolvimento no estado democrático de direito. Florianópolis; BEDIN, G. A.; CITTADINO, G. M.; ARAÚJO, F. D. (coord.). **Anais [...]**. Florianópolis: Florianópolis, 2015.

CONNEL, R. **Gênero em termos reais**. Tradução de Marília Moschkovich. São Paulo: Inversos, 2016.

CONNELL, R.; PEARSE, R. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: Editora Nversos, 2015.

- COSTA, M. C. O.; *et al.* Violência sexual praticada em crianças e adolescentes: estudo dos registros de conselhos tutelares em uma década. **Adolescência & Saúde**, v. 14, n. 2, p. 8-16, 2017.
- COSTA, P. R.; GROSSI, M. P.; MACARRO, M. J. M. “Não dói o útero e sim a alma”: A violência sexual que fere, que mata, que dilacera as mulheres do Brasil. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 29, n. 2, p. 124-149, 2016.
- COSTA, C. B. da.; MACHADO, M. R.; WAGNER, M. F. Percepções do Homossexual Masculino: Sociedade, Família e Amizades. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 3, p. 777-788, 2015.
- COUTO, E. S.; MEYER, D. E. Viver para ser velho? Cuidado de si, envelhecimento e juvenilização. **Revista FAGED**, Salvador, n. 19, p. 21-32, 2011.
- DANTAS, F. M. C.; VASCONCELLOS, M. M. de. Violência sexual contra a mulher: culpabilização da vítima. **Revista online FADIVALE**, Governador Valadares, n. 14, 2017.
- DIAS, R. O. Desaprendizagens e os modos outros de formação. *In:* RODRIGUES, H. B. C.; COSTA, M. J. A (orgs.). **Foucault e os modos de vida**. São Luís: EDUFMA, 2017.
- DINIS, N. F. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 39, p. 39-50, 2011.
- FIRMINO, S. G.; *et al.* O processo de silenciamento da educação sexual nas escolas: implicações sociais, educacionais, culturais e na Saúde Pública. *In:* VII SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, 2018. Rio Grande, 2018. **Anais [...]** Rio Grande, 2018. Disponível em: <https://7seminario.furg.br/images/arquivo/105.pdf>. Acesso em: 24 set 2018.
- FLEURY-TEIXEIRA, E.; MENEGHEL, S. T. **Dicionário feminino da infâmia: acolhimento e diagnóstico de mulheres em situação violência**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2015.
- FONTENELE, L. Q.; MIRANDA, L. L. Adolescência(s): Produções e Atravessamentos Discursivos em Análise. **Trends in Psychology**, v. 25, n. 3, p. 969-982, 2017.
- FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. 7. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 3: O cuidado de si**. 6. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019a.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 10. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019b.

FOUCAULT, M. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento das prisões**. 41. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

FURLANETTO, M. F.; *et al.* Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. **Cadernos de Pesquisa**, v. 48, n. 168, p. 550-571, 2018.

GOMES, M. M.; FERRERI, M.; LEMOS, F. O cuidado de si em Michel Foucault: um dispositivo de problematização do político no contemporâneo. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 30, n. 2, p. 189-195, 2018.

HIRATA, H.; *et al.* **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora: UNESP, 2009.

INGRASIoTANO, P. M.; FONTOURA, L. V. Adolescência e práticas de cuidado de si. *In: XXI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2015*. Curitiba, 2015. **Anais [...]** Curitiba, 2015. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16225\\_7246.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16225_7246.pdf). Acesso em: 18 mai 2019.

JESUS, B.; *et al.* **Diversidade sexual na escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens**. São Paulo: ECOS – Comunicação em Sexualidade, 2008.

LARA, L. A.; ABDO, C. H. Age at time initial sexual intercourse and health of adolescent girls. **Journal of Pediatric and Adolescent Gynecology**, v. 28, n. 5, p. 417-23, 2016.

LINS, B. A.; MACHADO, B. F.; ESCOURA, M. **Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola**. São Paulo: Reviravolta, 2016.

LOPES, A. F.; MENDONÇA, E. S. A Juventude sob holofotes na sociedade contemporânea. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 16, n. 2, p. 20-33, 2016.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução dos artigos Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MAIA, A. Sobre a analítica do poder de Foucault. **Tempo Social**, v. 7, n. 1-2, p. 83-103, 1995.

MAIA, A. C. B. Conceito amplo de sexualidade no processo de educação sexual. **Psicopedagogia OnLine**, v. 1, 2010.

MAIA, A. C. B.; SPAZIANI, R. B. Manifestações da sexualidade infantil: percepção de pais e professoras de crianças de 0 a 6 anos. **Revista Linhas**, v. 11, n. 1, p. 68-84, 2010.

MENDES, M. I. S.; GLEYSE, J. O cuidado de si em Michel Foucault: reflexões para a educação física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. esp., p. 507-520, 2015.

MINAYO, M. C. S. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde. *In: NJAINE, K.; ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P. Impactos da Violência na Saúde*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007.

MINAYO, M. C. S. **Amor e violência**: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ ente jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011.

NASCIMENTO-GOMES, F. S.; CORDEIRO, R. L. M. Juventude, sexualidade e tecnologias de subjetivação. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO*, 10, 2013. Florianópolis, 2013. **Anais** [...] Florianópolis, 2013. Disponível em: [https://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373277838\\_ARQUIVO\\_TRABALHO\\_FG10\\_final.pdf](https://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373277838_ARQUIVO_TRABALHO_FG10_final.pdf). Acesso em: 22 mai 2019.

OLIVEIRA JÚNIOR, I. B. Kit de combate a homofobia do MEC: a polemização em torno dos recursos audiovisuais. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 70, p. 319-334, 2016.

OLIVEIRA NETO, I. V.; FIRMINO, I. M. F.; PAULINO, P, R. V. P. A construção social do estigma em masculinidade – uma revisão de literatura. **Revista Científica Fagoc Multidisciplinar**, v. 4, n. 1, p. 63-72, 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Constituição da Organização Mundial da Saúde**. Documentos básicos, suplemento da 45ª edição, outubro de 2006. Disponível em: [http://www.who.int/governance/eb/who\\_constitution\\_sp.pdf](http://www.who.int/governance/eb/who_constitution_sp.pdf). Acesso em: 22 de fevereiro de 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Saúde sexual**. Genebra, 2018. Disponível em: [http://www.who.int/topics/sexual\\_health/en/](http://www.who.int/topics/sexual_health/en/). Acesso em: 24 set. 2018

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE – OPAS. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Saúde e sexualidade de adolescentes**. Construindo equidade no SUS. Brasília, 2017.

PAES, D. C.; FAVORITO, A. P.; GONÇALVES, R. C. Educação sexual nas séries iniciais do ensino fundamental: o que educadoras da rede municipal de ensino de Pires do Rio (Goiás) têm a dizer? **Multi-Science Journal**, v. 1, n. 3, p. 69-79, 2015.

PEIXOTO, A. F.; NOBRE, B. P. R. A responsabilização da mulher vítima de estupro. **Revista Transgressões**, v. 3, n. 1, p. 227-239, 2015.

PRINS, B.; MEIJER, I. C. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Revista estudos feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 155-167, 2002.

RITER, H. S.; DELLAZZANA-ZANON, L. L.; FREITAS, L. B. L. Projetos de vida de adolescentes de nível socioeconômico baixo quanto aos relacionamentos afetivos. **Revista da SPAGESP**, v. 20, n. 1, p. 55-68, 2019.

RODRIGUES, C. P.; WECHSLER, A. M. A sexualidade no ambiente escolar: a visão dos professores de educação infantil. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, v. 1, n. 1, p. 89-104, 2014.



- SABRINA, C.; HO, L. Respostas das vítimas do campus e da faculdade à agressão sexual e à violência no namoro: divulgação, utilização de serviços e prestação de serviços. **Trauma, Violence & Abuse**, v. 15, n. 3, p. 201–226, 2014.
- SILVA, F. C.; SOUZA, E. M. F.; BEZERRA, M. A. (Trans)tornando a norma cisgênera e seus derivados. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 2, p. e54397, 2019.
- SILVA, L. M. P.; *et al.* Violência entre namorados adolescentes em Pernambuco, Brasil. **Adolescência & Saúde**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 63-70, 2017.
- SIMÕES, A. V.; *et al.* Relações afetivas íntimas de jovens universitários: narrativas de estudantes de enfermagem. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 27, p. 1-6, 2019.
- SOUSA, B. C.; *et al.* Comportamento sexual e fatores associados em adolescentes da zona rural. **Revista de Saúde Pública**, v. 52, p. 1-11, 2018.
- SOUZA, V.; *et al.* The game as strategy for approach to sexuality with adolescents: theoretical-methodological reflections. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 70, n. 2, p. 376-83, 2017.
- SOUZA, T. M. C.; PASCOALETO, T. E.; MENDONÇA, N. D. Violência contra mulher no namoro: percepções de jovens universitários. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 10, n. 3, p. 31-43, 2018.
- TONELI, M. J. F. Sexualidade, gênero e gerações: continuando o debate. *In*: JACÓ-VILELA, A. M.; SATO, L. (orgs). **Diálogos em psicologia social**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012.
- TRONCO, C. B.; DELL'AGLIO, D. D. Caracterização do Comportamento Sexual de Adolescentes: Iniciação Sexual e Gênero. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 5, n. 2, p. 254-69, 2012.
- UNESCO. **Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro: tópicos e objetivos de aprendizagem**. Brasília: UNESCO, 2013.
- UNFPA. **Situação da população mundial 2018**. O poder de escolha: Direitos reprodutivos e a transição demográfica. Moçambique/Brasil, 2018.
- VENTURA, M. **Direitos reprodutivos no Brasil**. 3. ed. Brasília: UNFPA, 2002.
- VENTURINI, A. P. C.; PICCININI, C. A. Percepção de adolescentes não-pais sobre projetos de vida e sobre a paternidade adolescente. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 26, n. spe, p. 172-82, 2014.
- VILAS BOAS, C. T. **Para ler Michel Foucault**. Ouro Preto: Imprensa Universitária da Ufop, 2002.
- WARPECHOWSKI, M. B.; CONTI, L. Adolescer em contextos e vulnerabilidade e exclusão social. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 322-43, 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Recognizes child abuse as a major public health problem.** 1999. Disponível em: <http://www.who.int/inf-pr-1999/en/pr99-20.html>. Acesso em: 22 fev 2019.

## APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

### *Para a Mãe, Pai ou Responsável Legal pelo Adolescente Participante do Jogo Papo Reto*

Sou Vânia de Souza, professora da Universidade Federal de Minas Gerais e estou realizando uma pesquisa sobre o Jogo de computador, "Papo Reto", idealizado para adolescentes trocarem informações sobre situações que envolvem o tema sexo e sexualidade. Vários assuntos são abordados no jogo, inclusive, os considerados difíceis de serem conversados em casa ou na escola como masturbação, virgindade, namoro, orgasmo, traição, sexo oral, sexo anal e muitos outros. As situações do jogo falam do dia a dia da/os adolescentes sendo muitas verdadeiras e outras retiradas da *Internet*, programas de televisão, livros e revistas direcionados para adolescentes. O objetivo é que o jogo estimule o raciocínio crítico, a troca de experiências entre a/os adolescentes tornando-os pessoas envolvidas nas discussões sobre sexualidade na adolescência.

Sua/seu filha/o é nossa/o convidada/o para participar desse jogo e para que ela/e participe é obrigatório a sua assinatura neste Termo de Consentimento como mãe, pai ou responsável legal por ela/e. Atendendo a resolução 196/1996 do Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos apresento algumas informações e regras do jogo para a sua segurança e a de sua/seu filha/o para participar:

- As regras do jogo estarão disponíveis tanto para você quanto para sua/seu filha/o, logo que el/e fizer o primeiro acesso ao jogo, de forma que possam decidir se ela/e deve ou não participar;
- Para jogar sua/seu ou filha/o receberá um convite, via *E-mail*, para acessar o jogo;
- Ao entrar no espaço do jogo ela/e deverá criar uma senha de acesso, que permitirá que somente ela/e tenha acesso a este espaço. É muito importante que esse espaço seja respeitado como somente dela/e a partir deste momento;
- Em seguida, ela/e irá escolher um apelido e um *avatar* (personagem) que passará a ser a forma de identificação dela/e no jogo;
- No jogo ela/e NÃO será identificada/o pelo nome e poderá jogar de onde quiser, desde que o computador tenha acesso à *Internet*;
- Para garantir a privacidade dela/e, as respostas e comentários no jogo NÃO estarão associadas ao nome da/o jogador/a, nem à sua escola, à sua moradia ou ao nome de qualquer outra pessoa;
- Sua/seu filha/o é livre para responder e comentar somente a situação que quiser;
- Ela/e tem a liberdade de participar do jogo e de desistir a qualquer momento, sem que isto lhe traga prejuízos;
- As respostas no jogo poderão ser comentadas e avaliadas somente pela/os jogador/as que estão no jogo;
- No jogo tem uma aba que permite à sua/seu filha/o denunciarem jogadores, caso considere necessário. Esta denúncia é avaliada pela equipe responsável pelo jogo e a/os jogadores poderão receber uma advertência ou mesmo serem bloqueada/os do jogo;
- Os riscos em relação à participação no jogo são aqueles relacionados a qualquer situação de competitividade, podendo ocasionar *stress*, receio de se expor ou de ser avaliado pelos outros jogadores. A falta de conhecimento sobre alguns assuntos também pode gerar ansiedade e acanhamento;
- A participação de sua/seu) filha/o poderá contribuir para o jogo e para um maior conhecimento sobre questões que envolvem a sexualidade na adolescência, sendo também uma forma de contribuição com o conhecimento dela/e sobre este tema, não gerando a autoria nem sua responsabilização quanto aos produtos gerados por essa pesquisa;
- As informações do jogo poderão ser divulgadas em revistas científicas, congressos, cursos, treinamentos e em salas de aula, mas NÃO estarão associadas ao nome da/os jogadora/es;
- Durante ou após o jogo, caso você ou sua/seu filha/o sintam a necessidade, estaremos à disposição, para discutir quaisquer aspectos do seu interesse;
- No verso da folha tem dois exemplos sobre como as situações são abordadas no jogo.

Portanto, eu, com Carteira de Identidade número \_\_\_\_\_, informo que fui orientada/o quanto ao objetivo da pesquisa e quanto a participação de minha/meu filha/o no jogo. Estou ciente de que o jogo

apresenta situações que envolvem os temas sexo e sexualidade, que o nome de minha/meu filha/o não irá aparecer e que sua participação não está vinculada a qualquer direito autoral ou responsabilização em relação ao jogo ou a qualquer outro produto desta pesquisa. Estou também ciente, de que as informações coletadas poderão ser divulgadas em publicações e eventos científicos, com a garantia da privacidade de minha filha/o.

Diante do exposto, concordo, voluntariamente que minha/meu filha/o de nome \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_ participe do jogo  
 “Papo Reto”.

Assinatura \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Nome completo da mãe, pai ou responsável legal

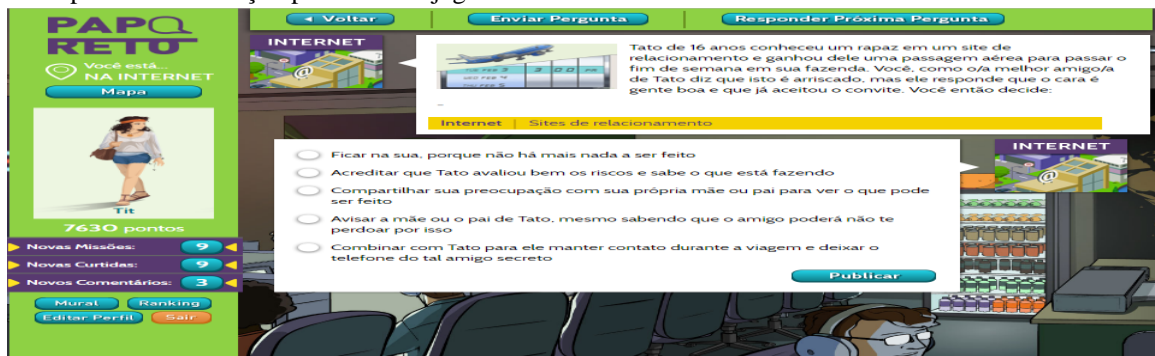
Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Assinatura da Coordenadora da Pesquisa

Em caso de dúvida entre em contato com:

Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II – 2º andar - Sala 2005 – Pampulha – CEP: 31270-901 –  
 BH/MG - Telefax: (31) 3409-4592 – Email: [coep@prpq.ufmg.br](mailto:coep@prpq.ufmg.br)  
 Vânia de Souza – Coordenadora do Projeto – Prof.<sup>a</sup> da Escola de Enfermagem da UFMG / fone: (31) 3409 9869 /  
[vanixsouza@yahoo.com.br](mailto:vanixsouza@yahoo.com.br)

Exemplo de uma situação-problema no jogo:



## APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

### *Para Participantes do Jogo menores de 18 anos*

Sou Vânia de Souza, professora da Universidade Federal de Minas Gerais. Estou realizando uma pesquisa sobre o jogo de computador, “Papo Reto”, no qual estudantes de 15 a 18 anos trocam informações sobre situações que envolvem o tema sexo e sexualidade. Vários assuntos são abordados no jogo, inclusive, os considerados difíceis de serem conversados em casa ou na escola como masturbação, virgindade, namoro, orgasmo, traição, sexo oral e muitos outros. As situações do jogo falam do dia a dia da/os adolescentes sendo muitas verdadeiras e outras retiradas da *Internet*, programas de televisão, livros e revistas direcionados para adolescentes. O objetivo é que o jogo estimule o raciocínio crítico, a troca de experiências entre a/os adolescentes, tornando-os pessoas envolvidas nas discussões sobre sexualidade na adolescência.

Você é nossa/o convidada/o para participar desse jogo. Para participar é obrigatória a assinatura deste termo por você. Também será necessária a assinatura de outro termo pela a sua mãe, pai ou responsável legal.

Abaixo apresento algumas informações e regras do jogo para a sua segurança ao participar:

- As regras do jogo estarão disponíveis, logo que você fizer o primeiro acesso ao jogo, de forma que você possa verificá-las e decidir se quer ou não participar;
- Você receberá um convite, pelo seu *E-mail*, para acessar o jogo e ao entrar você deverá criar uma senha de acesso e preencher um pequeno cadastro. Em seguida você irá escolher um apelido e um *avatar* (personagem) que será sua forma de identificação no jogo;
- No jogo você NÃO será identificada/o pelo nome e poderá jogar de onde quiser, desde que o computador tenha acesso à *Internet*;
- Para garantir sua privacidade, suas respostas e comentários no jogo NÃO estarão associados ao seu nome, à sua escola, à sua moradia ou ao nome de qualquer outra pessoa;
- Você é livre para responder e comentar somente o que quiser;
- Você tem a liberdade de participar do jogo e de desistir a qualquer momento, sem que isto lhe traga prejuízos;
- Suas respostas no jogo poderão ser comentadas e avaliadas somente pelos jogadores que estão no jogo;
- No jogo tem uma aba que permite você denunciar jogadores, caso considere necessário. Esta denúncia é avaliada pela equipe responsável pelo jogo e a/os jogadores poderão receber uma advertência ou mesmo serem bloqueada/os do jogo;
- Os riscos em relação à sua participação no jogo são aqueles relacionados a qualquer situação de competitividade, podendo ocasionar *stress*, receio de se expor ou de ser avaliado pelos outros jogadores. A falta de conhecimento sobre alguns assuntos também pode gerar ansiedade e acanhamento inicialmente;
- Sua participação poderá contribuir para o jogo e para o maior conhecimento sobre questões que envolvem a sexualidade na adolescência, sendo também uma forma de contribuição para o conhecimento da/os jogadora/es sobre este tema, não gerando a autoria nem sua responsabilização quanto aos produtos gerados por essa pesquisa;
- As informações do jogo poderão ser divulgadas em revistas científicas, congressos, cursos, treinamentos e em salas de aula, mas NÃO estarão associadas ao nome dos jogadores;
- Durante ou após o jogo, caso sinta a necessidade, estaremos à disposição, para discutir quaisquer aspectos do seu interesse;
- No verso da folha tem dois exemplos sobre como as situações são abordadas no jogo.

Portanto,

\_\_\_\_\_  
Escola

eu  
da

---

Ano: \_\_\_\_\_,

Informo que fui orientada(o) quanto ao objetivo da pesquisa e sobre minha participação no jogo. Estou ciente de que o jogo apresenta situações que envolvem os temas sexo e sexualidade, que meu nome não irá aparecer e que minha participação não está vinculada a qualquer direito autoral ou responsabilização em relação ao jogo ou a qualquer outro produto desta pesquisa. Estou também ciente, de que as informações coletadas poderão ser divulgadas em publicações e eventos científicos, com a garantia de minha privacidade.

Concordo, voluntariamente em participar do jogo “Papo Reto”.

\_\_\_\_\_ Data de Nascimento: \_\_\_\_\_

Nome completo \_\_\_\_\_ E-mail: \_\_\_\_\_

Data: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

Assinatura da/o adolescente

\_\_\_\_\_

Data: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

Assinatura da Coordenadora da Pesquisa

*Em caso de dúvida entre em contato com:*

Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II – 2º andar - Sala 2005 – Pampulha – CEP: 31270-901 – BH/MG - Telefax: (31) 3409-4592 – Email: <a href="mailto:coep@prpq.ufmg.br">coep@prpq.ufmg.br</a> Vânia de Souza – Coordenadora do Projeto – Prof.ª da Escola de Enfermagem da UFMG / fone: (31) 3409 9869 / <a href="mailto:vaniaxisouza@yahoo.com.br">vaniaxisouza@yahoo.com.br</a>
---

## APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

### *Para Participantes do Jogo com 18 anos completo*

Sou Vânia de Souza, professora da Universidade Federal de Minas Gerais. Estou realizando uma pesquisa sobre o jogo de computador, “Papo Reto”, no qual estudantes de 15 a 18 anos trocam informações sobre situações que envolvem o tema sexo e sexualidade. Vários assuntos são abordados no jogo, inclusive, os considerados difíceis de serem conversados em casa ou na escola como masturbação, virgindade, namoro, orgasmo, traição, sexo oral, sexo anal e muitos outros. As situações do jogo falam do dia a dia da/os adolescentes sendo muitas verdadeiras e outras retiradas da Internet, programas de televisão, livros e revistas direcionados para adolescentes. O objetivo é avaliar como as conversas são ocorrem entre adolescentes.

Você é nossa/o convidada/o para participar desse jogo. Para participar é obrigatório a assinatura deste termo, se você já completou 18 anos.

Abaixo apresento algumas informações e regras do jogo para a sua segurança ao participar:

- As regras do jogo estarão disponíveis, logo que você fizer o primeiro acesso ao jogo, de forma que você possa verificá-las e decidir se quer ou não participar;
- Você receberá um convite, pelo seu E-mail, para acessar o jogo e ao entrar você deverá criar uma senha de acesso, preencher um pequeno cadastro. Em seguida você irá escolher um apelido e um avatar que serão sua forma de identificação no jogo;
- No jogo você NÃO será identificada/o pelo nome e poderá jogar de onde quiser, desde que o computador tenha acesso à Internet;
- Para garantir sua privacidade, suas respostas e comentários no jogo NÃO estarão associados ao seu nome, à sua escola, à sua moradia ou ao nome de qualquer outra pessoa;
- Você é livre para responder e comentar somente a situação que quiser;
- Você tem a liberdade de participar do jogo e de desistir a qualquer momento, sem que isto lhe traga prejuízos;
- Suas respostas no jogo poderão ser comentadas e avaliadas somente pela/os jogadora/es que estão no jogo;
- No jogo tem uma aba que permite você denunciar jogadores, caso considere necessário. Esta denúncia é avaliada pela equipe responsável pelo jogo e a/os jogadores poderão receber uma advertência ou mesmo serem bloqueada/os do jogo;
- Os riscos em relação à sua participação no jogo são aqueles relacionados a qualquer situação de competitividade, podendo ocasionar stress, receio de se expor ou de ser avaliado pelos outros jogadores. A falta de conhecimento sobre alguns assuntos também pode gerar ansiedade e acanhamento;
- Sua participação poderá contribuir para um maior conhecimento sobre questões que envolvem a sexualidade na adolescência, sendo também uma forma de contribuição com a pesquisa e com o jogo, não gerando a autoria nem sua responsabilização quanto aos produtos gerados por essa pesquisa;
- As informações do jogo poderão ser divulgadas em revistas científicas, congressos, cursos, treinamentos e em salas de aula, mas NÃO estarão associadas ao nome da/os jogadores;
- Durante ou após o jogo, caso sinta a necessidade, estaremos à disposição, para discutir quaisquer aspectos do seu interesse;
- No verso da folha tem dois exemplos sobre como as situações são abordadas no jogo.

Portanto, eu, com Carteira de Identidade número \_\_\_\_\_, da Escola \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, Ano: \_\_\_\_\_, informo que fui orientada/o quanto ao objetivo da pesquisa e sobre minha participação no jogo. Estou ciente de que o jogo apresenta situações que envolvem os temas sexo e sexualidade, que meu nome não irá aparecer e que minha participação não está vinculada a qualquer direito autoral ou responsabilização em relação ao jogo ou a qualquer outro produto desta pesquisa. Estou também ciente, de que as informações coletadas poderão ser divulgadas em publicações e eventos científicos, com a garantia de minha privacidade.

Concordo, voluntariamente, em participar do jogo “Papo Reto”.

\_\_\_\_\_  
Nome completo

\_\_\_\_\_  
Data de Nascimento:

\_\_\_\_\_  
E-mail:

Data: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

Assinatura da/o adolescente

\_\_\_\_\_  
Data: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

Assinatura da Coordenadora da Pesquisa

*Em caso de dúvida entre em contato com:*

Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II – 2º andar - Sala 2005 – Pampulha – CEP: 31270-901 – BH/MG - Telefax: (31) 3409-4592 – Email: <a href="mailto:coep@prpq.ufmg.br">coep@prpq.ufmg.br</a> Vânia de Souza – Coordenadora do Projeto – Prof. <sup>a</sup> da Escola de Enfermagem da UFMG / fone: (31) 3409 9869 / <a href="mailto:vanixsouza@yahoo.com.br">vanixsouza@yahoo.com.br</a>
---